

## Prefácio do POM

A presente publicação se destina ao trabalho inicial de formação marxista

Conforme se pode notar, trata-se de uma conquista do POR Boliviano. Poderíamos mudar aqui ou ali, mas achamos por bem manter a forma original. Não temos uma relação partidária com o POR (Bolívia), mas o presente trabalho é de muita utilidade na formação de operários etc.

Três observações são necessárias.

- Mudamos a ordem dos temas no que se refere ao estudo das diversas sociedades (colocamos logo no início).
- Não concordamos que em 14 aulas simplesmente o operário esteja apto a ingressar no Partido como militante. Esta proeza infelizmente é mais demorada e acreditamos, conforme nos ensina Trotsky, no processo da experiência, da luta e com a ajuda da repetição, num processo lento, vamos formando nossos militantes.
- Discordamos da posição programática da defesa da Frente Revolucionária Anti-imperialista (FRA) – Para nos do POM o POR Boliviano fez desta tática equivocada estratégia, o que o torna refém da tal burguesia “progressista” ou “Nacional” e por sua vez remete tal FRA a uma Frente Popular. Como frente popular se faz incoseqüente para a tomada do poder pelo proletariado vez que, submete este aos ditames da burguesia.

Esperamos que os companheiros tirem proveito deste material e se dediquem no estudo. A feitura do manual próprio é muito importante para uma boa aprendizagem, pois vai ajustando-se às dificuldades e dúvidas que fatalmente surgirão, tendo que solucionar-las, aprimorando assim o conhecimento.

Nosso Cursinho, inicialmente é de umas 14 aulas e, posterior a estas, só a decisão do companheiro ou da companheira irá determinar. Desejamos a continuidade, também para satisfazer nossa vaidade, mas principalmente porque se trata de uma necessidade histórica da classe operária, da libertação dos oprimidos em geral das garras da burguesia e este ato só se dará com a construção de um verdadeiro Partido Marxista.

O ideal é que após as 14 semanas se volte ao material e, se possível, consultando outras obras que tenham os assuntos interligados. Também, em se tratando de militantes de formação superior, o manual pode ser usado como guia, mas faz-se necessário a complementação da consulta aos clássicos do marxismo.

Diadema, fevereiro do ano 2000.

***MILITANTES DO POM (Partido Operário Marxista)***

## ***CURSO DE MARXISMO PARA OPERÁRIOS***

### ***1 – INTRODUÇÃO:***

#### ❖ NOVO MÉTODO DE CAPACITAÇÃO:

A EXPERIÊNCIA: Este manual de capacitação objetiva ser um novo método de formação de operários, partindo de toda uma experiência do POR a respeito, assimilando-a e superando-a.

O propósito é preparar rapidamente uma equipe de organizadores, que sejam capazes de agrupar novos elementos particularmente operários e dar-lhes a adequada capacitação no menor tempo possível, a fim de habilitá-los adequadamente para a militância, ou seja, para que se incorporem nas células partidárias.

Será dito que sempre nos preocupamos em cumprir esta tarefa. Decerto que sim, mas não havíamos encontrado, até agora, uma maneira eficaz de levar o conhecimento dos fundamentos do marxismo aos trabalhadores. Além do mais, cometemos uma série de erros, que queremos superar e por isso transmitimos à militância a experiência adquirida.

Se houvéssemos seguido a regra de realizar balanços autocríticos periódicos do que foi apreendido nas células pelos militantes, em matéria organizativa, teríamos evitado muitos erros. Há que ser uma preocupação permanente generalizar as aquisições da militância neste plano. Desta forma, não se repetirão velhos erros e os novos organizadores não terão que percorrer o mesmo caminho já trilhado por nós.

Normalmente, não se prepara os instrutores para que ministrem cursos de capacitação a operários, cada um faz o quê e como pode, empiricamente, partindo da falsa idéia de que se trata de uma atividade simples e inferior. Como qualquer outro trabalho partidário, faz-

se urgente ensinar e treinar os militantes para que possam capacitar satisfatoriamente os operários.

Para atingir este objetivo, é necessário seguir determinados procedimentos, que devem ser constantemente aperfeiçoados.

Ao resumir a experiência do Partido na capacitação de novos elementos operários, propomos novos métodos e manuais, este último deve ser constantemente aperfeiçoado. Tampouco se deve esquecer que o militante que se volta para a importante tarefa de capacitação deve fazer o seu próprio manual de acordo com o nível de conhecimento dos elementos com os quais trabalha, inclusive da situação política que se vive.

Um exemplo: não escondemos, no presente trabalho, nossa vontade de acabar com a idéia confusionista de substituir a concepção marxista das classes sociais e de suas lutas com o critério religioso e ético de ricos e pobres, como sendo a grande e verdadeira diferenciação da humanidade. Não pode haver a menor dúvida de que ao procedermos desta forma estamos travando uma batalha contra a pequena burguesia ultra-esquerdista.

#### ❖ NOSSOS ERROS:

Dentre os muitos que cometemos na capacitação dos operários podemos sintetiza-los da seguinte forma:

- ❖ Ministravam-se cursos de capacitação idênticos para simpatizantes, para pessoas que se aproximavam de nós e para os militantes. Na verdade, aplicávamos aos novos elementos, que não tinham a menor idéia do marxismo, o

mesmo esquema de capacitação elaborado para a célula de militantes, onde se tem que estudar detidamente o Socialismo Científico e ensinar aos militantes a se informar nos clássicos. Resultado: as lições eram pouco menos que incompreensíveis e muito difíceis para serem assimiladas. Os operários geralmente abandonavam os cursos por cansaço e convencidos de que o marxismo era inalcançável. Os poucos que persistiam demonstravam possuir condições realmente excepcionais, pois era uma verdadeira proeza aferrar-se ao programa revolucionário, apesar da indiferença dos professores.

Outra consequência destes cursos, deliberadamente intermináveis, era que nunca se sabia quando deviam acabar, quando se devia considerar os novos elementos capacitados para serem incorporados em uma célula. O presente manual, que pretende resumir o básico do marxismo, pode ser concluído em dez ou doze aulas, de uma hora e meia de duração cada. Ao final deste estudo pode se considera o operário apto para ser incorporado como militante.

- ❖ Não se diferenciava os operários e os estudantes e, praticamente, se impunha àquelas lições elaboradas para pessoas acostumadas a manejar idéias e a ler. Para os trabalhadores estas exposições eram estranhas e se viam obrigados a memorizar generalidades.
- ❖ Ignorava-se totalmente as características do operário boliviano que exteriorizava o atraso cultural do país. O proletariado como classe mostra, nos momentos de extrema tensão da luta de classes, uma admirável capacidade criadora; mas o operário isolado resume todo o atraso cultural de seu meio e, o que é mais grave, seu trabalho cotidiano habitua a não pensar. Os cursos elaborados sem se considerar as

particularidades dos trabalhadores eram incompreensíveis para estes.

- ❖ As exposições, que partiam de generalidades e acabavam nelas, eram feitas para que o operário as memorizasse, para que repetisse as lições como fazem os estudantes. As exposições magistrais são naturais entre os universitários, estão habituados a escuta-las todos os dias. Estes elementos, transformados em organizadores revolucionários, repetiam mecanicamente esta prática. Eis aí uma das causas mais graves do fracasso de nosso empenho de organização anteriores. A consequência deste método de ensino é que o operário não é levado a pensar e se exige um esforço descomunal para memorizar definições que acabam se tornando estranhas. O resultado é que o aluno esquece facilmente o que repetiu forçadamente nos cursos.
- ❖ Geralmente, se entregava para os operários um texto para que lessem em suas casas e perguntassem no curso o que não entendessem. Esta é uma assimilação defeituosa, porque parte da memorização dos textos e não de sua compreensão.
- ❖ O operário, reduzido à passividade nos cursos, não tinha a oportunidade de expor suas opiniões e, às vezes, nem sequer suas dúvidas. É natural que os operários, devido à pressão do meio que vivem, não tenha prática na exposição de suas idéias, não se façam entender com facilidade. Uma capacitação errônea se limitava a capitular perante este fato.
- ❖ FUNDAMENTO TEÓRICO DO NOVO MÉTODO:

Partimos do conceito de que o marxismo não é mais que a expressão consciente (teórica, política) da tendência elementar e instintiva do proletariado até a reconstrução da sociedade sobre as bases

comunistas. O marxismo se limita a revelar as leis do desenvolvimento do capitalismo, não as inventou nem as impôs de fora do processo histórico.

O operário possui duas características muito importantes para nosso propósito: seu instinto de classe, consequência do lugar que ocupa no processo de produção, e da experiência vinda do seu trabalho diário e nas lutas do campo sindical.

Isto quer dizer que é possível que o proletário, partindo de sua própria experiência e de seu instinto, e não do seu conhecimento teórico, chegue a conclusões marxistas, a partir do momento em que estas não são mais que expressões teóricas do que está latente nele.

Isto demonstra que o método de ensino para operários tem que ser diferente do empregado para estudantes. Como uma parte considerável dos elementos que se dedicam a trabalhos organizativos provêm da universidade, são chamados a estudar cuidadosamente os métodos a serem elaborados na capacitação dos operários que se aproximam do Partido. Para os estudantes, o marxismo deve ser memorizado, não podem deduzir suas conclusões partindo de sua própria experiência, nisto se diferenciam dos proletários.

#### ❖ EM QUE CONSISTE O MÉTODO QUE PROPOMOS?

Acreditamos que com base em perguntas cuidadosamente selecionadas, de acordo com a experiência do operário, pode-se fazer aflorar suas tendências instintivas para que desemboquem em conclusões marxistas.

Há que abandonar definitivamente, ao menos se tratando de proletários, as exposições acadêmicas que os condena à condição de ouvintes passivos. Propomos, ao contrário, que os operários sejam parte ativa nos cursos, que praticamente os desenvolvam. O organizador deverá, utilizando-se de perguntas e sugestões, conduzir o raciocínio dos trabalhadores até as conclusões marxistas anotadas no manual, que são

imprescindíveis para a compreensão do socialismo científico. Assim, se abrirá um ativíssimo diálogo entre organizador e operário.

O proletário considera naturais, por serem rotineiras, muitas das coisas que faz e vê todos os dias da forma como se produz sua vida social. O instrutor deve fazer perguntas que obriguem o operário a repensar esta realidade com que se choca todos os dias, em explicar-lhes a diferença que existe entre eles e os demais trabalhadores, etc.

Seguindo este método e sendo muito sensível, pode-se, por exemplo, ajudar o operário a concluir que a diferença essencial da atual sociedade com as anteriores está na ruptura que se produz entre os meios de produção e a força de trabalho. Realidade sobre a qual se levantam as mais importantes contradições do regime. Se fosse explicado academicamente, isto se tornaria incompreensível para o operário, que inteligentemente guiado, ele mesmo pode chegar às conclusões fundamentadas em Marx.

Alguns podem pensar que fazer perguntas a um operário com respostas que coincidam com nossa doutrina e voltar a interroga-lo quando tender a desviar-se, é muito pedante e simplista, a ponto de que se pode conduzir este jogo sem nenhum preparo prévio, mas é necessário treinamento do organizador. O fracasso se encarregará de fazer com que os iludidos voltem à realidade.

O sucesso do emprego deste método está em duas premissas:

- ❖ O instrutor deve manejar bem o manual e ter total clareza das idéias nele contidas e de sua importância para a compreensão do marxismo, a total clareza de quem orienta as aulas permitirá expressar-se com simplicidade, e a não se desviar das conclusões buscadas.

- ❖ Deve-se preparar com cuidado e antecipadamente as perguntas que vão ser feitas, para isso é necessário estudar as condições de vida, antecedentes e experiência dos operários. As perguntas devem partir, necessariamente, da experiência dos operários e toda vez que se fizer necessário, ilustrar o diálogo com exemplos, que devem ser tirados da vida prática e palpável dos operários.

As perguntas têm que ser, necessariamente, formuladas por cada instrutor, pois é impossível um catálogo delas que seja aplicável a todas as circunstâncias. Tem-se, inclusive, que variar a forma de realizar as perguntas. Enquanto se faz uma pergunta já se deve pensar nas que virão em seguida, tudo, para que o operário chegue mais facilmente as conclusões desejadas.

#### ❖ VANTAGENS DO NOVO MÉTODO:

Acreditamos que está aberto o caminho para ensinar rapidamente aos operários as bases do marxismo, para prepara-los para a militância, com o menor desgaste de esforço e tempo. Se continuarmos desenvolvendo e aperfeiçoando o novo método de capacitação, estaremos dando um grande salto em matéria organizativa.

Certamente o leitor já percebeu as vantagens deste método de capacitação que propomos com relação ao tradicional, a seguir procuramos sintetiza-lo:

- ❖ Ensina o operário a pensar e expor suas idéias. Cada conclusão a que o mesmo chegar ficará em sua mente para sempre. O que fará o instrutor é designar cada conclusão por seu verdadeiro nome (este é o único nome que o proletário memorizará). Necessariamente há que estabelecer em que consiste a forma dialética de pensar. Mas, não se trata de memorizar as leis do caso e, sim de induzir o operário a pensar dialeticamente, a considerar as coisas e os fenômenos por este critério.



- ❖ Não se rebaixa a teoria marxista nem o programa do Partido, um perigo muito grave que se encontra implícito nas exposições acadêmicas. Chega-se a este fim lastimável no afã de simplificar demasiado a apresentação do tema. Ao contrário, as perguntas serão encaminhadas para obter respostas que se identifiquem com a expressão da essência do marxismo. Temos que voltar a lembrar que não é o marxismo, nem o programa, que devem ser rebaixados até o nível das massas atrasadas, e sim que estas devem elevar-se até a altura daquele, para este fim deve ser conduzida à capacitação dos novos elementos.
- ❖ O novo método permite ao Partido programar antecipadamente o tempo necessário para educar os elementos novos. Por outro lado, este breve tempo permitirá que se acelerem as tarefas organizativas.
- ❖ Tratando-se de estudantes, o Partido tira vantagem dos conhecimentos teóricos e gerais que estes elementos adquiriram fora da organização; é do nosso interesse aproveitar a experiência e instinto da classe dos proletários. Não utilizar estes fenômenos prejudica o trabalho de capacitação.

❖ RECOMENDAÇÃO SOBRE O USO DO MANUAL:

As circunstâncias permitem que só se façam experimentos limitados com o novo método, mas o importante é que são feitos com elementos atrasados e politicamente virgens. Sem dúvida, o método deve ser motivo de discussão e de maiores comprovações. Como estamos iniciando algo novo é de se esperar um aperfeiçoamento posterior.

Repetimos que o importante está na proposta do novo método de capacitação e não no manual, que necessariamente, tem muitas marcas de abstração. Se os instrutores se limitarem a entregar o manual aos operários, ocasionará um grave dano; ele deve ser lido depois que os operários, por sua conta, cheguem às conclusões que contém, desta forma servirá para fixar alguns conceitos como uma guia-memória.

Contudo, para os instrutores é aproveitável o manejo do manual. Contém as idéias básicas do marxismo, que todo o operário deve saber antes de se transformar num militante. Sua utilidade está em que ajuda os instrutores a fixar uma meta para a qual devem dirigir as perguntas e as respostas.

Um dos erros mais comuns na capacitação é divagar, disparar em todas as direções e mesclar muitos temas, de sorte que acaba perdendo o objetivo central. Recomenda-se que, partindo do presente manual, cada instrutor elabore um próprio. Este trabalho o ajudará a formular perguntas.

Não nos cansaremos de deixar claro que tanto o novo método como o manual foram elaborados para a sua aplicação ao doutrinamento de operários e não de estudantes, de operários que iniciam, não de militantes. Esta recomendação é necessária para não se cair em generalizações perniciosas.

Se perguntassem quantos operários podem se formar num curso, a resposta é que o número será limitado pelo que determinarem as circunstâncias de segurança imperante em certos momentos.

É claro que o novo método de capacitação pode ser empregado sem maiores inconvenientes ainda que se trate de operários analfabetos, pois não será exigido aprender de memória qualquer texto.

Para aperfeiçoar o método novo e o conteúdo do manual, será necessário preparar, periodicamente, reuniões de autocrítica entre os instrutores. A generalização do novo método para toda a militância será muito proveitosa.

Como sempre ocorre, em se tratando de um novo método, é preciso treinar a militância para seu manejo adequado, para que seja aplicado corretamente, tirando as melhores vantagens que oferece. Exige-

se, pois, estabelecer uma espécie de curso para instrutores onde se ensinará realizar, na prática, perguntas para os operários, a fazer manuais particulares, etc.

Não podemos dizer que o novo método de capacitação proposta não teve antecedentes entre nós ou tivesse sido elaborado integralmente recentemente. Ao contrário, algumas vezes pudemos aplicá-lo no passado, mas de forma esporádica e misturando com as formas tradicionais de capacitação, resultado da herança organizativa defectiva.

O mérito que reivindicamos é o de ter dado forma coesa e orgânica ao novo método, além de definir com precisão seu campo de aplicação.

Janeiro de 1.976



## ***CURSO DE CAPACITAÇÃO PARA OPERÁRIOS***

### *RECOMENDAÇÃO:*

É preferível que os alunos que assistam o curso, podem ser operários de uma fábrica, de uma mina, etc., ou, de várias empresas, sejam poucos (4 ou 5), assim se poderá avaliar melhor seu progresso.

As aulas, de preferência, não devem superar à uma hora e meia. Quando os alunos estão cansados o curso não avança. Deve-se tomar todas as medidas de segurança que as circunstâncias aconselham.

O texto que se segue deve ser apresentado aos alunos depois de ser concluído o curso.

Ao iniciar a aula, é recomendável fazer uma rápida síntese da aula anterior.

O instrutor deve transformar sua conduta num exemplo: chegar na hora, demonstrar paciência e perseverança.

A ordem dos parágrafos pode ser modificada: por exemplo, o primeiro parágrafo colocar depois do segundo, etc.

### ❖ O HOMEM VIVE EM SOCIEDADE:

O homem nunca viveu e nem viverá só, totalmente isolado.

Para produzir seus meios de subsistência, para se reproduzir (ter filhos), é obrigado a relacionar-se com outros homens, a viver em sociedade. Não se pode imaginar o homem fora da sociedade,

assim como não se pode imaginar o peixe fora d'água. A sociedade existe para tornar possível a produção do necessário para a vida do homem (alimentos, ferramentas, livros, etc).

❖ AS DIVERSAS SOCIEDADES:

Ao longo da História surgiram e desapareceram vários tipos de sociedade que são as seguintes:

*A – COMUNISMO PRIMITIVO OU SOCIEDADE NÃO AUTORITÁRIA:*

Não havia propriedade privada e tudo que havia pertencia à comunidade; não havia o Estado como conhecemos agora (com prisões, soldados, leis para punir); a igualdade entre o homem e a mulher era total, não era incomum ter-se uma mulher no comando de uma tribo.

*B – ESCRAVISMO:*

Baseado na exploração dos escravos pelos homens livres e donos de escravos (únicos considerados capazes de decidir a sorte da sociedade). O escravo era propriedade do seu dono, seus filhos e o produto de seu trabalho pertenciam a este, não podia abandonar seu dono sob pena de severos castigos. Os escravos eram comprados e vendidos e o dono era obrigado a alimentá-los.

*C – FEUDALISMO:*

O proprietário de grandes extensões de terra (senhor feudal) explorava os camponeses nela assentados, que por uma pequena gleba de terra que o senhor feudal cedia para que semeassem, colhesse e vivessem de seus produtos, eram obrigados a cultivar a terra do senhor feudal, a prestar serviços domésticos, a transportar seus produtos, etc. gratuitamente (por prestar trabalho servil, por sua servidão, eram conhecidos pelo nome de 'servos'). Nos pequenos centros urbanos (os burgos) existiam oficinas artesanais, onde o mestre-artesão (dono do local,

das ferramentas, da matéria prima e que podia alimentar e pagar seus aprendizes e oficiais) explorava os aprendizes e oficiais.

*D – CAPITALISMO:*

Assim se chama a sociedade em que vivemos e que aqui explicaremos.

*E – COMUNISMO SUPERIOR:*

Em todas as sociedades anteriores, à exceção da comunista primitiva, existiram exploradores e explorados, oprimidos e opressores, classes sociais com interesses diferentes e sempre em luta.

A sociedade comunista tem como ponto de partida a grande produção feita por máquinas (uma contribuição do capitalismo), suprime as classes sociais, os explorados e exploradores, destrói a propriedade burguesa sobre os meios de produção para que passe às mãos da sociedade, faz com que desapareça o Estado, permite a igualdade entre homens e mulheres.



## *1 – BURGUESES E PROLETÁRIOS:*

NOTA: Onde foi possível, seguiu-se a ordem dos temas conforme o Manifesto Comunista, ainda que não se esgote seu conteúdo. Inclui-se a “Cartilha do Operário”, como um guia para a explicação do que é o POR. (Não publicada na edição brasileira N.T.).

### ❖ EXPLORADOS E EXPLORADORES:

Se passarmos por cima da primeira e distante época do comunismo primitivo, diremos que sempre existiram explorados e exploradores; maiorias que trabalhavam para que uma minoria embolsasse o lucro. Os explorados sempre foram oprimidos, suportaram o peso da lei, o despotismo do Estado, a vontade caprichosa dos donos das riquezas. Os exploradores, de reduzido número, nunca abandonaram seu papel de opressores e de donos do Estado.

Ao mesmo tempo, explorados e exploradores, oprimidos e opressores, não desapareceram, apenas mudaram de forma, de características. Os proletários são os explorados e oprimidos modernos. A minoria burguesa que acumula a riqueza em suas mãos, é a classe social exploradora e opressora. Para continuar oprimindo e explorando os operários modernos, a burguesia dita suas próprias leis, monta seu próprio aparato estatal, põe em pé e arma seus exércitos e suas polícias.

Como os explorados e oprimidos de todos os tempos, os proletários lutam contra seus opressores (a burguesia) procurando se libertar, acabando com sua lamentável situação, acabando com o regime capitalista.

### ❖ A SOCIEDADE CAPITALISTA:

A humanidade conheceu várias sociedades antes do surgimento do capitalismo, nascido das ruínas do feudalismo, e que é a última que se levanta sobre a opressão dos explorados, sobre a divisão da sociedade em classes, depois virá o comunismo.

Com o capitalismo surge a burguesia, isto é, a exploração do operário moderno (o proletário) pelo patrão (o burguês) é o eixo em torno do qual gira todo o sistema da sociedade moderno (capitalista ou sociedade burguesa).

❖ SEPARAÇÃO DOS MEIOS DE PRODUÇÃO E A FORÇA DE TRABALHO:

Os meios de produção são as máquinas, matérias-primas, veículos de transporte, energia elétrica, edifícios da fábrica, enfim, tudo o que é necessário para a produção. Força de trabalho é a energia muscular e mental do operário, seus braços e seu cérebro.

A sociedade capitalista tem grandes diferenças com relação às sociedades anteriores. A coisa mais importante feita pelo capitalismo foi separar o trabalhador (pensem no artesão: carpinteiro, alfaiate, serralheiro, etc, no camponês que tem sua parcela de terra, seu gado, seu arado) de seus meios de produção, tiraram suas ferramentas, seu pedaço de terra, os deixaram ainda sem nada, sem o direito de propriedade sobre o que necessita para trabalhar e produzir; estes meios de produção foram amontoados nas mãos dos novos patrões, dos burgueses que aparecem com o capitalismo. Do outro lado estão amontoados os operários que já não têm mais nada além de sua força de trabalho.

O artesão e o camponês eram, ao mesmo tempo trabalhadores e donos de uns poucos meios de produção. Encontramos burgueses que são donos de grandes quantidades de máquinas que eles sozinhos não podem mover e os operários sem máquinas, que para produzir, para ter como alimentar a ele e a seus filhos, não têm outra saída senão ir em busca das máquinas que estão nas mãos da burguesia têm que se relacionar com eles e dizer que querem pôr em movimento seus músculos e as máquinas para ganhar o suficiente para comer (isto é o salário). Esta é a característica mais importante do capitalismo e daí partem os demais traços. Assim, de um lado, aparecem os burgueses que



exploram os operários porque são donos dos meios de produção que dirigem a sociedade e o Estado e tudo está a serviço deles. Do outro lado, estão os operários, modernos, o proletariado (chama-se proletário porque não tem nada além de sua força de trabalho e são obrigados a vendê-la todos os dias para ter alimentos) que surgiram com o capitalismo, é a classe explorada e oprimida.

❖ DEFINIÇÃO DE ENGELS:

Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social, que empregam o trabalho assalariado (chama-se assim porque paga o salário, que o artesão e camponeses não conheciam, o proletário também é chamado de assalariado). Por proletários se entende a classe dos trabalhadores assalariados modernos, que privados dos meios de produção próprios, se vêem obrigados a vender sua força de trabalho para poderem existir.

❖ TRABALHO POR CONTA ALHEIA:

Ao artesão não se diz que levante a determinada hora, trabalhe até o meio-dia, almoce e depois reinicie a jornada que acabará as seis e a noite tem o trabalho extraordinário, ninguém lhe paga salário (ele terá dinheiro para suas necessidades, assim que entregar sua obra ao cliente); nada de supervisão durante o trabalho e nem que não poderá assobiar quando estiver trabalhando. O mesmo também ocorre com o camponês proprietário de uma pequena gleba de terra. Não quem o obrigue a trabalhar determinado número de horas, apressar ou não seu trabalho, não recebe salário e espera a colheita para alimentar-se ou vender. Artesãos e camponeses proprietários não têm patrão, não estão submetidos à vigilância de capatazes e chefes de seção, não trabalham por conta de outros, trabalham por conta própria. Isto quer dizer que se apropriam do produto, enquanto o proletário não leva para casa o produto do seu trabalho.

O proletário é contratado pelo burguês (se firma um contrato de trabalho que é o contrato da venda da força de trabalho), controla-se sua entrada na fábrica, é vigiado durante o trabalho e recebe salário. O proletário trabalha por conta alheia e, portanto, o produto do trabalho vai para o burguês.

❖ TRABALHO INDIVIDUAL E COLETIVO. DIVISÃO DO TRABALHO:

O artesão fabrica seu produto do começo ao fim, com ferramentas manejadas por ele, de forma simples. Um alfaiate corta a casimira, alinhava o traje, costura, prega os botões e engoma. É um trabalho individual e as ferramentas são manejadas também de forma individual. Não há especialização, o artesão alfaiate faz de tudo, quer dizer, a divisão do trabalho (fazer parte de um produto ou de uma operação determinada) é rudimentar. Tudo isto pode se aplicar ao camponês. Neste último caso, geralmente, o agricultor e o artesão não estão separados, sendo que ambos se juntam no camponês (este faz suas roupas, é um pouco carpinteiro e ferreiro, ao mesmo tempo em que é lavrador).

O proletário não trabalha só, não faz sozinho todas as partes de um produto, porque trabalha de forma coletiva com seus companheiros de fábrica, passam por suas mãos a matéria-prima ou produto semi-acabado, que vêm de outras fábricas, inclusive de países distantes e que foram produzidos por vários trabalhadores de outros lugares. As máquinas não são manejadas só por eles, sendo que seu manejo é coletivo. A isto se chama trabalho coletivo socializado.

O proletário se especializa e à medida que se aperfeiçoam as máquinas se dedica, às vezes, por toda sua vida, a uma operação muito simples: só faz uma parte da operação e dedica-se a uma pequena parte do produto. De modo que não se pode dizer que um tecido ou um automóvel é produto do seu trabalho, é produto de todos os operários, é um produto coletivo ou social. O capitalismo elevou a um alto grau a divisão do trabalho. O artesão e o camponês manejam as ferramentas com suas

mãos, as ferramentas estão submetidas à sua vontade, isto porque ele mesmo as põe em movimento com sua energia muscular.

O proletário acaba sendo uma parte da máquina, esta é movida por eletricidade e seu ritmo e seu movimento não depende do operário, estes são mecânicos, o operário tem que se subordinar à máquina. Por isto o ritmo de trabalho é imposto ao proletário e pode acelerar-se ou diminuir-se o ritmo contra a sua vontade.

As ferramentas, que eram movidas manualmente pelo artesão ou camponês aparecem nas máquinas ligadas a um eixo que é movido por energia externa (eletricidade, por exemplo) e não pela mão do homem. O capitalismo substituiu o trabalho executado com ferramentas manuais pelo trabalho executado com a ajuda das máquinas. O homem criador das máquinas acaba transformado em escravo das máquinas. A revolução proletária permitirá que o homem se transforme no senhor das máquinas, pois fará com que estas trabalhem conforme suas necessidades. Hoje, o trabalho das máquinas é feito buscando sempre o maior lucro para o patrão.

#### ❖ O SALÁRIO:

O artesão não recebe salário, não tem patrão, o que lhe pagam por um trabalho vai para suas mãos. O mesmo ocorre com o camponês e sua colheita, tampouco tem salário.

O proletário, por trabalhar por conta alheia, por ser contratado para vender sua força de trabalho por um determinado tempo, recebe uma soma em dinheiro para sua alimentação e de seus filhos, que chama salário. O salário aparece com o capitalismo, com a aparição do proletário e do burguês, com a separação entre os meios de produção e a força de trabalho. O salário expressa a relação que existe entre o proletário e o burguês (patrão) que é próprio da sociedade capitalista.

Existem vários tipos de salário:

- ❖ POR TEMPO DE TRABALHO: (por hora, por jornada de 8 horas, por semana ou por mês). Pelas nossas leis, podem dar-se todas estas formas, mas para o operário o pagamento é mensal trabalhando 240 horas mensais (em média);
- ❖ POR PEÇA OU EMPREITADA: outra forma de salário consiste em pagar pela quantidade de produtos, um tanto de peças por um tanto de dinheiro. A esta forma se conhece, principalmente nas minas, com o nome de “contrato”;
- ❖ SALÁRIO EM DINHEIRO: é o que se paga em moeda corrente do país.
- ❖ SALÁRIO EM ESPÉCIE: é o que se paga em produtos, geralmente alimentos;
- ❖ SALÁRIO NOMINAL: Chama-se a quantidade de salário em moeda, sem levar em conta que quantidade alimentos se pode adquirir com essa quantidade de moeda;
- ❖ SALÁRIO REAL: Chama-se assim a sua capacidade de adquirir alimentos, roupas, etc. Fala-se de salário real quando se trata de dizer quantos quilos de carne se pode comprar o que se ganha durante uma jornada de trabalho (um dia).
- ❖ ABONO: Em nosso país, os patrões pagam os chamados abonos por diversas razões e os diferenciam do salário, a mesma coisa faz o governo. Na verdade, o abono é também parte do salário. Faz-se esta distinção de má-fé para enganar os trabalhadores. Diz-se que o salário suporta o peso das cotas dos benefícios sociais e que o abono não se incorpora ao salário para este fim.

O correto seria que, para todos os fins, o salário fosse calculado somando todos os pagamentos que recebe o operário.

Muitos abonos são utilizados para conseguir que o operário faça um maior esforço em seu trabalho ou para que não se atrase (abono de produção, de pontualidade, etc). O correto é exigir um salário que permita ao operário e a sua família levar uma vida humana.

- ❖ **SALÁRIO MÍNIMO VITAL:** É o salário mínimo de que precisa uma família típica (o operário, sua mulher e três filhos) para satisfazer toda a necessidade de alimentação, vestuário e lazer.

O salário mínimo vital é calculado de acordo com o aumento do custo de vida num dado momento e que não é mais que a soma do preço de todas as mercadorias e das necessidades que o operário tem para poder viver, (Na Constituição Brasileira se estabelece um salário mínimo de mais ou menos 1200 Dólares ).

- ❖ **ESCALA MÓVEL DE SALÁRIO:** Os salários podem estar em constante alta ou baixa com relação a muitos fatores. Se os patrões condicionam o aumento da produção (tantos por cento por cem metros de tecido a partir de mil metros, por exemplo) trata-se de uma escala móvel com relação ao aumento da produção, um recurso usado pela burguesia para explorar mais os operários.

Se os operários conseguem impor um sistemático aumento automático de salário na mesma proporção em que sobem os preços dos alimentos e demais produtos, se trata de uma escala móvel de salário com relação ao custo de vida, já dissemos, calcula-se o que é necessário gastar na compra de alimentos, vestuário, transporte tudo que é necessário para uma vida humana de uma família típica.

A escala móvel de salários com relação ao custo de vida, que é a que de fato interessa aos trabalhadores, quer dizer que os salários devem ser reajustados automaticamente assim que se constate um aumento no custo de vida, sem que sejam necessários novos acordos (e os conseqüentes conflitos) propondo aumentos. Para que não haja engano, numa sociedade em que as autoridades governamentais servem aos patrões em prejuízo dos trabalhadores, é necessário que constituam um órgão encarregado de comprovar as flutuações dos preços. Quando o comitê anuncia o percentual de aumento do custo de vida, o governo decretará o reajuste salarial correspondente.

A escala móvel de salário com relação ao custo de vida permite efetivar e defender os aumentos salariais que custam tantas lutas e até o sangue dos trabalhadores. A burguesia tem muitos recursos para pegar com a mão direita mais do que deu com a esquerda. Entre estes recursos se coloca o jogo com a moeda: a desvalorização, por exemplo, que imediatamente faz cair os salários reais (capacidade de compra), ainda que os salários nominais (em dinheiro), permaneçam estáveis e até aumentem. Outro recurso está em elevar o preço de todos os produtos. Sabe-se de sobra que, os empresários não absorvem os aumentos salariais, e sim que os repassam para o preço.

#### ❖ ECONOMIA MUNDIAL:

O capitalismo tem uma grande força para penetrar em todos os lugares do mundo, isso faz com que transforme os países aonde chega e os submeta aos seus interesses.

A produção atual não é só nacional (ninguém só produz para o mercado interno, e sim, principalmente, para a exploração internacional). O capitalismo atua por cima das fronteiras nacionais, sem respeitá-las. Surgiu um mercado mundial, uma economia mundial e uma produção que se faz com matérias-primas e operários de todo mundo.

A burguesia é, sobretudo internacional, a burguesia de um país explora em países distantes e está unida por mil laços com a burguesia de outras regiões. O proletariado é também internacional, como resultado da economia mundial, sua luta e sua organização são internacionais.

#### ❖ IMPERIALISMO:

O capitalismo passou por muitas etapas em sua história e a última é a imperialista.

Anteriormente, os capitais dedicados à indústria (capital industrial) atuavam com independência frente aos capitais dedicados ao empréstimo a juros e administrados pelos bancos (capital bancário). Um empresário se limitava a pedir um empréstimo a um banco e este não teria por quê se intrometer na administração do negócio.

Mais tarde se faz a fusão do capital industrial com o capital bancário, dando nascimento ao capital financeiro, e então os grandes acionistas das fábricas passaram a ser também acionistas nos bancos e vice-versa. Atualmente, são os grandes bancos internacionais que manejam os consórcios mundiais (do petróleo, da fabricação de sabões e detergentes etc). A exportação do capital financeiro de um país para outro, exportação motivada pela necessidade de se obter maiores taxas de lucros, se chama imperialismo. Necessariamente, esta exportação de capitais (assim se controlam as fontes de matéria-prima e o mercado; atualmente, o capital financeiro está atuando em diversos países para apropriar-se do mercado comum andino que conta com setenta milhões de consumidores) implica que os capitalistas internacionais acabam dominando a política e a economia do país submetido à sua influência. O imperialismo, para defender devidamente seus interesses, que são internacionais, tem que contar com o apoio decisivo do Estado da metrópole (às vezes incluindo o apoio militar) com a submissão do governo do país saqueado. Não existe investimento do capital financeiro à margem dos lucros e tendo como objetivo unicamente o bem-estar e o desenvolvimento de um país atrasado. Estas são piadas difundidas pelos agentes locais do imperialismo.

A opressão exercida pela metrópole imperialista (assim se chama o país capitalista altamente desenvolvido que serve de quartel-general para as operações do capital financeiro) sobre um país atrasado (por exemplo, a Bolívia ou o Brasil) não se descarrega unicamente sobre a classe operária que é explorada diretamente, mas sim sobre todo o país, isto porque impede seu livre desenvolvimento e porque tem a necessidade de controlá-lo.

A opressão imperialista dá lugar aos movimentos de resistência à sua política de saque, movimentos em que estão interessados os proletários, a pequena-burguesia, os intelectuais, as massas majoritárias. O importante é que na luta a frente de uma maioria nacional está politicamente dirigida pelo proletariado, que é o único que pode efetivar a libertação nacional das garras do imperialismo, ao que se chama libertação nacional esta é a política da frente revolucionária antiimperialista (FRA).

O país oprimido pode declarar guerra aos opressores do estrangeiro e esta guerra em defesa das fronteiras nacionais e da soberania do Estado nacional será progressista.

#### ❖ COMO SE RECONHECE AS CLASSES SOCIAIS?

O proletariado é uma classe social explorada e oprimida. Mas também existem outras classes sociais exploradas e oprimidas (os artesãos, camponeses, funcionários administrativos). Pode-se dizer que os proletários são pobres se comparados com os burgueses que são ricos, mas existem também outros pobres e ainda mais pobres que os proletários: a maioria camponesa, os artesãos e também, entre estes, os elementos destroçados pela sociedade, os desocupados que se degeneram, viram bêbados, vivem de esmolas, estão perto da delinqüência, são os chamados lumpens. O proletário é o operariado moderno, o operário do capitalismo é um trabalhador. Mas existem também outros trabalhadores, entre eles o camponês, os artesãos que igualmente se chamam trabalhadores.

Não resta dúvida, o proletário, o operário de nosso tempo, é diferente dos outros trabalhadores; têm ambições, reações e objetivos, enfim, interesses diferentes dos outros trabalhadores, dos outros explorados, dos outros pobres.



As classes sociais oprimidas não se distinguem umas das outras porque são exploradas ou pobres, etc, é uma característica comum entre elas. Tampouco se diferenciam por andar bem ou mal-trajados.

Os proletários se diferenciam de todos os outros setores sociais pela maneira particular com que atuam na produção (vendendo sua força de trabalho ao burguês por um salário), o que depende do lugar que ocupa no processo de produção, isto é, se é ou não o dono dos meios de produção. Quando não é, tem que ir em busca das máquinas, das matérias-primas, para poder se alimentar e viver com seus filhos. Assim, o operário tem que ter uma relação com o patrão (burguês) que tem as máquinas e as matérias-primas e que explora o operário.

É esta forma particular de entrar na produção, conseqüência de quem só tem a força de trabalho, que lhe permite receber o salário, ter objetivos particulares e diferentes dos demais pobres e trabalhadores. Seria um erro colocar todos no mesmo saco. A conseqüência imediata seria contribuir para que os interesses particulares e os objetivos proletários se diluam no meio da grande massa de pobres, para que busquem interesses comuns a estes e que o proletariado se submeta a eles, perdendo suas características diferenciais de classe. O que deve ser feito, é expressar com clareza os interesses proletários, fazer ver como estes coincidem com os interesses de toda a nação e mobilizar todos os explorados pobres atrás do proletariado.

O artesão defende com unhas e dentes sua miserável oficina, sua propriedade sobre uma insignificante parcela de meio de produção, causa de sua situação miserável. Luta para aumentar sua oficina, pela diminuição ou isenção de impostos, por medidas protetoras para artigos que produz. Se analisar com cuidado, estas ambições são miseráveis, conservadores, isto se deve ao fato de ser trabalhador e dono dos meios de produção, mesmo que seja de uma parte insignificante. Ao mesmo tempo, isto se deve por ter interesses de uma sociedade anterior à capitalista. Ao contrário, o proletariado não tem nada para defender na

sociedade capitalista, por isso luta acirradamente para destruir suas correntes.

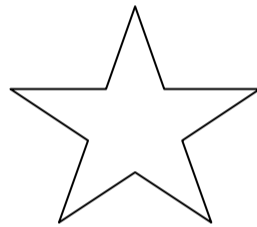
O camponês, pequeno produtor e pequeno proprietário têm que ter uma diminuta parcela da terra, um pouco de gado e material para cultivo, defende esta propriedade miserável com unhas e dentes que, tal e qual o artesão, é a causa de sua miséria. Tem mais amor por seus animais, por suas plantações que por seus filhos e por sua mulher.

Para produzir um pouco de alimento em suas terras, precisa trabalhar com toda sua família, incluindo seus filhos pequenos, que por isto não vão à escola. O camponês luta por defender sua terra e para que esta se torne maior. Tem interesses no passado de nossa história, olha somente para trás e não para frente, inclusive quando se rebela. O proletariado não sonha em se tornar dono individual das máquinas para contratar outros operários e explora-los, isto acontece por não ser dono dos meios de produção, nem sequer de uma pequena parte. Se isto ocorresse (claro que já não seria proletário) não teria outra finalidade que não fosse aumentar sua propriedade e atuar como explorador.

O proletário luta apaixonadamente, por sua libertação para não ser mais explorado (por romper seus grilhões). O proletário deixará de ser explorado quando não for mais obrigado a vender sua força de trabalho em troca de salário, se desaparecer o regime de assalariamento, se desaparece o patrão, a burguesia, e isto só será possível se destruir a propriedade privada dos meios de produção (propriedade privada burguesa), que é o que permite ao patrão comprar a força de trabalho e explora-la. A destruição da propriedade privada dos meios de produção é o mesmo que falar da destruição da sociedade burguesa e de todas as suas manifestações: Estado, escolas, leis, exército, polícia, etc. O proletariado ainda que não se dê conta disso com clareza, está lutando para destruir o capitalismo, a sociedade burguesa, porque só assim poderá deixar de ser explorado. Destruirá o capitalismo para

construir uma nova sociedade sem classes sociais, sem explorados nem exploradores, a sociedade comunista.

Em resumo: de onde provém este objetivo, esta tendência a destruir a sociedade burguesa? Do fato que não tem nada para defender na atual sociedade, isto é, de que está desprovido de toda forma de propriedade dos meios de produção, do lugar que ocupa no processo de produção, de que é assalariado.



## 2 – A LUTA DE CLASSES:

### ❖ EXPLORAÇÃO DO OPERÁRIO E O LUCRO PATRONAL

O capitalista (por ser dono dos meios de produção, das máquinas) compra diariamente a força de trabalho do operário em troca do salário (que é o preço da força de trabalho). O salário representa uma certa soma de dinheiro que permite ao operário comprar alimentos, roupas, etc, que precisa para viver (repor sua força de trabalho todos os dias) e para alimentar sua família. O capitalista é obrigado a comprar a força de trabalho para poder pôr a fábrica em funcionamento, não pode existir sem fazer esta compra, isto é sem explorar o proletariado. A força de trabalho é vendida mediante um contrato que se chama contrato de trabalho e que está regulamentado pela Lei Geral do Trabalho (publicada em 08 de dezembro de 1.942, na Bolívia, no Brasil é chamada de Consolidação das Leis do Trabalho – CLT – publicada em 1º de maio de 1.946). Esta lei estabelece no artigo 46, que a jornada de trabalho na Bolívia é de 8 horas (em outros países a duração da jornada é menor e em outros se luta por sua diminuição, isto quer dizer que qualquer tempo maior que este é hora extraordinária e se determina que se pague o dobro de salário por ela) e ninguém é obrigado a fazê-la contra a sua vontade. Suponhamos que por uma jornada de 8 horas se pague R\$ 40,00. Assim, o capitalista (patrão) consumirá força de trabalho por oito horas. O operário moverá as máquinas e transformará a matéria-prima, para produzir um determinado produto.

O capitalista recuperará o salário que entregou ao operário em dinheiro em forma de produto, se não o faz ou se efetiva só parcialmente, a fábrica terá perdas e o empresário a abandonará. O operário para devolver o salário para o capitalista trabalha uma parte da jornada, suponhamos as quatro primeiras horas (a isto se chama trabalho necessário). Se ao operário ocorresse dizer ao patrão que já havendo devolvido a totalidade do salário, após as 4 horas, irá para sua casa, o capitalista o impedirá, lembrando que, segundo o contrato de trabalho, ao

comprar a força de trabalho por 8 horas adquiriu o direito de usa-la de consumi-la por este tempo. O operário é obrigado a trabalhar as outras 4 horas restantes SEM NENHUM PAGAMENTO, pois o salário já foi devolvido nas quatro primeiras horas de trabalho. A este trabalho não pago (4 horas) dá-se o nome de sobretrabalho que é a fonte do lucro. O produto do sobretrabalho se chama MAIS-VALIA.

O capitalista por ser dono dos meios de produção e por comprar a força de trabalho para consumi-la durante oito horas, se apodera do produto do trabalho operário. Neste produto está incorporado tanto o trabalho necessário (às quatro horas em que se devolveu o salário em forma de mercadoria) como o trabalho não pago (sobretrabalho); este último (trabalho não pago) é a MAIS-VALIA. Uma coisa é o salário (preço da força de trabalho) que permite criar o lucro do patrão. O capitalista compra a força de trabalho por seu valor, mas seu consumo permite obter um valor maior, criar um novo valor.

A partir do momento em que o operário se vê obrigado a vender sua força de trabalho em troca do salário (alimentos e roupas) e, por isso mesmo, é obrigado a trabalhar parte da jornada de trabalho (maior ou menor conforme as circunstâncias) sem nenhuma espécie de pagamento, é um explorado. Se consegue um salário maior, quer dizer que tem que trabalhar mais horas para devolver o que determina uma diminuição nas horas de trabalho não pago, a quantidade de mais-valia do patrão. Se o salário diminui (pode diminuir através de um rebaixamento como o decretado pelo ditador Barriento, ou do aumento de preços das mercadorias, ou da inflação), o operário terá que dedicar menos horas de trabalho não pago, o que supõe um aumento do volume da mais-valia.

Como se vê os aumentos salariais não fazem desaparecer a exploração como afirmam alguns, o que ocorre é que os operários são menos explorados, a diminuição dos salários reais aumenta a exploração. A exploração do operário pode desaparecer se desaparecer o assalariado. Não é suficiente referir-se ao salário nominal, é preciso estabelecer as variações do salário real.

❖ CAPITAL CONSTANTE E CAPITAL VARIÁVEL:

No produto que sai da fábrica (tecidos, ceras, camisas, etc), se incorporam transformando as matérias-primas, uma parte do consumo de eletricidade ou combustível e do desgaste das máquinas, seu valor total se incorpora ou transfere (sem aumentar ou diminuir) ao valor do novo produto. A isto se chama capital constante, justamente porque pode ser incorporado ao novo produto, seu valor não sofre nenhuma alteração. O capitalista ao vender pelo mesmo valor as matérias primas, o gasto com eletricidade o desgaste das máquinas, não obtém nenhum lucro, se limita a recuperar em dinheiro o capital constante investido na produção.

Mas, também, se incorpora ao novo produto o capital que o burguês investe na compra da força de trabalho. Já sabemos que paga R\$ 40,00, por jornada de 8 horas e recupera estes R\$ 40,00 (em forma de produto) em 4 horas de trabalho, obtendo como lucro o produto das 4 horas não pagas, quer dizer R\$ 40,00.

O lucro é obtido somente por meio do consumo da força de trabalho. O capital que se investe na compra da força de trabalho se incorpora ao preço do produto. Por isto se chama capital variável aquele que é empregado na compra da força de trabalho.

A relação que existe numa empresa entre o capital constante (maquinário) e o capital variável (o número de operário) determinam a margem de lucro. Quanto mais cresce o capital variável em relação ao capital constante, mais cresce o lucro.

❖ LUTA DE CLASSES:

A separação entre os meios de produção (concentração nas mãos da burguesia) e a força de trabalho (proletariado), que é um traço característico fundamental do capitalismo, cria o conflito entre o

proletariado e a burguesia, que são as duas classes sociais em que se divide a sociedade atual.

Necessariamente, o proletariado se relaciona (relação de produção) com a burguesia para poder produzir e assim obter seus alimentos. A base desta relação de produção é a compra e venda da força de trabalho (o burguês investe capital constante e variável, o proletariado entrega a sua força de trabalho). O capitalista ao comprar e consumir a força de trabalho explora o operário, isto é cria a mais-valia ou lucro.

Proletariado e burguês, colocados frente a frente e numa relação de trabalho obrigatório, lutam desde o primeiro momento ainda que os operários estejam muito atrasados e não tenham sindicatos ou partidos políticos, ainda que não saibam como são explorados, para aumentar seus salários, o operário (portanto, para diminuir o lucro do patrão), e o capitalista para aumentar o lucro (portanto, para diminuir os salários). A luta dos operários e burgueses é uma luta pela apropriação da mais-valia, são, portanto, irreconciliáveis. É por isso que a luta de classes, a luta entre o proletariado e a burguesia, uma luta que se desenvolve todos os dias, não pode acabar como uma cooperação entre explorados e exploradores, como uma harmonia dos interesses de um e de outro (a teoria que afirma isso se chama colaboracionismo de classe), isto porque os interesses mais elementares de burgueses e proletários, a luta por apropriar-se da maior parte da mais-valia são contrapostos, não são idênticos.

O desenvolvimento do capitalismo, que se baseia na produção massiva por meio de máquinas, permitiu o uso social destas e a produção social. O produto é social, mas a apropriação, como consequência da propriedade privada burguesa, é individual. Isto é um contra-senso, a contradição básica do regime capitalista, que o levará a desaparecer. Esta contradição é a origem do caos que reina na economia burguesa, que não pode ser planejada porque o que se impõe são interesses particulares dos capitalistas sobre toda a sociedade, da crise (a produção se acumula ao não encontrar mercado, as fábricas fecham e

crece o desemprego), das guerras pelos mercados e pelas fontes de matéria-prima e das revoluções.

Esta contradição significa que o grande crescimento das forças produtivas (meios de produção + força de trabalho) já não pode ser contido dentro da propriedade privada dos meios de produção que permite a apropriação individual do produto social. Faz tempo que as forças produtivas se rebelaram contra a propriedade privada burguesa. As forças produtivas, das quais a força de trabalho (proletariado) é a mais importante, acabarão por destruir a propriedade e permitirão a apropriação coletiva do produto social, ponto de partida para o maior desenvolvimento das forças produtivas.

Isto será a revolução proletária, temos dito que a superação revolucionária, é a única possível, da contradição básica do sistema capitalista.

A contradição entre a produção social, o produto social, e a apropriação individual, se exteriorizam na luta de classes, na luta do proletariado e da burguesia. O proletariado encarna o crescimento das forças produtivas, a produção social e a burguesia, a propriedade privada e a apropriação individual, que inutilmente quer estrangular as forças produtivas.

Nas sociedades anteriores (exceção feita pelo comunismo primitivo) existiram sempre explorados e exploradores, oprimidos e opressores e, conseqüentemente, luta de classes, luta dos explorados contra exploradores. Sem dúvida, a luta do proletariado contra a burguesia tem algumas particularidades, conseqüência dos aspectos diferenciais do proletariado que apontamos acima.

Invariavelmente, as classes oprimidas e exploradas lutam contra os opressores procurando transformar-se, por sua vez, em classe dominante ou remodelar a sociedade à sua imagem e semelhança, de modo que seus privilégios se transformem em lei para todos. O



proletariado luta para acabar com sua exploração e para isso destruirá a propriedade privada. Temporariamente se apropriará do poder para instaurar sua ditadura (a ditadura do proletariado), mas não se perpetuará como classe dominante, nem forjará a sociedade proletária, para isso teria que submeter à exploração e à opressão as outras classes sociais, teria que se transformar em dono dos meios de produção. O proletariado visa acabar com a opressão de classe, levar a transformação social até a sociedade sem classes, sem explorados nem exploradores. O proletariado tendo construído o Estado operário, cuja missão será destruir (econômica e politicamente) os focos de resistência da burguesia e assentar as bases da futura sociedade: a estatização dos meios de produção, a expropriação da burguesia e a economia planejada. À medida que for se atenuando a luta de classes, o Estado operário agonizará para desaparecer e o proletariado como classe deixará de existir, se dissolverá na nova sociedade, que será uma sociedade de produtores livres, sem burgueses que os explorem.

❖ CLASSE EM SI E CLASSE PARA SI:

A classe operária atravessa um longo processo na sua formação como classe social. Luta desde o início, instintivamente, sem ter uma idéia clara de seus interesses históricos (os que são fruto do desenvolvimento do capitalismo, que se resumem na sua libertação) nem de sua força e em contar com sua organização política. Neste caso existe fisicamente como classe, é organizada, mobilizada por setores da burguesia (na Bolívia, foram os liberais, no Brasil pelo PTB de Vargas), que necessitam de seu apoio para combater seus inimigos. Sua luta neste caso é instintiva, parcial, por regiões ou fábricas, por isso se diz que é econômica, ainda não é luta de classe contra classe, do proletariado contra a burguesia representada por seu Estado.

Quando o proletariado, com base em sua experiência diária e graças ao trabalho do Partido Revolucionário, adquire consciência (saber) de quais são seus objetivos históricos, seus métodos para materializa-los e sua força, diz-se que adquire consciência de classe, se

torna independente ideologicamente e organizativamente, ou seja, se diferencia das outras classes sociais por seus objetivos, seus métodos de organização. Sua luta se torna política porque é a luta do proletariado como classe contra classe burguesa, representada por seu Estado. É então que a classe se organiza em partido político.

A luta política consciente, expressada teoricamente pelo marxismo, parte da luta instintiva, elementar, inconsciente. A luta consciente supera a luta inconsciente, não a ignora.

O que faz o marxismo é expressar teoricamente aquilo que é uma tendência instintiva do proletariado, por isso se pode dizer que é a expressão consciente da tendência instintiva da classe operária para a reconstrução da sociedade atual sobre bases comunistas.

O Partido do proletariado é a expressão da consciência de classe e seu trabalho diário no seio das massas, através de seus militantes, transforma-se em alavanca para fazer evoluir essa consciência de classe. O partido revolucionário, na Bolívia, chama-se POR.

#### ❖ A PEQUENA BURGUESIA:

O capitalismo tende a empobrecer os donos de pequenos meios de produção, de modo que se vêem obrigados a ir para a fábrica, para as minas, para proletarizarem-se. A ruína da classe média é um processo que avança, mas o pouco desenvolvimento industrial do país impede sua maciça proletarização. É assim que persistem grandes setores de artesãos e camponeses proprietários extremamente empobrecidos. Junto a estas camadas da classe média herdadas do passado, temos a nova classe média formada por técnicos, funcionários públicos e administrativos, pequenos comerciantes, etc, que nascem da própria exploração capitalista, são seus auxiliares indispensáveis.

A pequena burguesia é uma classe distinta do proletariado, tem também interesses diferentes. Entretanto, essa massa enorme se rebela contra a ordem imperante, cansada da fome e da opressão. O proletariado se apóia e aproveita essa revolta para avançar rumo à revolução proletária.

Cabe mobilizar a maioria empobrecida da pequena burguesia sob a direção política da classe operária. A pequena-burguesia pelos seus setores mais qualificados (técnicos, profissionais liberais, etc) tende a se confundir com a burguesia, mas sua base mais ampla, identifica-se com o proletariado.



### 3 – O VALOR DA MERCADORIA. VALOR DE USO E DE TROCA

Aquilo que o homem produz é destinado a satisfazer suas necessidades, não há produção sem esta finalidade. Esta capacidade de um produto em satisfazer as necessidades se chama ‘*valor de uso*’: os sapatos que servem para cobrir meus pés e caminhar.

Quando os produtos do trabalho (são produzidos com vistas à satisfação das necessidades humanas) ingressam no mercado, são comprados e vendidos, se transformam em mercadorias, resultado das relações sociais entre os homens. Alguns necessitam do que os outros produzem e vice-versa, e esta necessidade ao trocar suas mercadorias por capacidade de uma determinada mercadoria ser trocada chama-se ‘*valor de troca*’, que é o verdadeiro valor da mercadoria.

Uma mercadoria quando sai do mercado (isto ocorre quando um comprador a destina para seu consumo, para satisfazer suas próprias necessidades) deixa de ser tal e se transforma em objeto de uso.

A força de trabalho é uma mercadoria como qualquer outra e está no mercado para ser vendida e comprada.

O capitalismo se distingue por ser basicamente produtor de mercadorias. Nas sociedades anteriores a produção estava destinada a objetos de uso e eram colocados no mercado (para se transformarem em mercadorias) só os excedentes. Isto se pode observar, entretanto, nos camponeses.

#### ❖ VALORES DAS MERCADORIAS:

Se as mercadorias podem ser trocadas entre si, apesar de suas características físicas diferentes (por exemplo: uma arroba de arroz por um metro de tecido) é porque têm em comum o fato de serem produtos de trabalho humano, é este fato que permite que se meçam entre si (do contrário não saberíamos quantos quilos de arroz se trocaria por um metro

de tecido). Se um quilo de carne é trocado por 2 litros de azeite é porque no quilo de carne se incorpora o dobro da quantidade de trabalho humano que em um litro de azeite.

O valor das mercadorias é determinado pela quantidade de trabalho humano abstrato investido em sua produção. Chama-se de trabalho humano abstrato porque não se considera o trabalho concreto do açougueiro ou do fabricante de azeite, e só o trabalho medido por horas, dias e semanas, ou seja, pelo tempo de sua duração.

O valor é medido pelo tempo de trabalho socialmente necessário. Não é o trabalho de um aprendiz ou o que executa uma máquina antiga (obsoleta), e sim o trabalho executado em condições normais, ou seja, em condições médias de habilidade e técnica, isto quer dizer socialmente necessário. Se o trabalho é executado ou não em condições normais é determinado pelo mercado, porque tem que ser medido com outra mercadoria. O mercado recusa as mercadorias produzidas em condições anormais. O valor de uma mercadoria se expressa em outra mercadoria.

#### ❖ O VALOR DA FORÇA DE TRABALHO:

A força de trabalho é uma mercadoria. No mercado é vendida e comprada, portanto, seu valor é determinado como qualquer outro, ou seja, pelo tempo de trabalho socialmente necessário investido na produção.

Quando a força de trabalho é consumida no processo de trabalho, para repô-la o operário ingere uma determinada quantidade de alimento e já sabemos que o valor disso está determinado pela quantidade de trabalho humano que tem. O valor da força de trabalho está determinado, pois, pelo valor dos alimentos que consome, pela quantidade de trabalho humano que contém. O salário é a expressão monetária do valor da força de trabalho, é o seu preço.

❖ VALOR E PREÇO:

A expressão monetária do valor chama-se '*preço*' e pode estar acima ou abaixo do valor de determinada mercadoria, conforme as leis da oferta e da procura. Quando há muita escassez de uma mercadoria e cresce sua procura, se vende por um preço maior que seu valor, quando há abundância se vende por um preço menor. Não obstante, no conjunto de mercadorias se comprava que a soma de seus preços corresponde ao total dos seus valores.

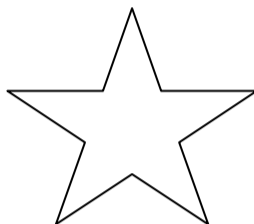
O preço da força de trabalho é o salário. No mercado, conforme a oferta e a procura, os salários podem estar, em certos setores e momentaneamente, maiores ou menores que o valor da força de trabalho. A luta sindical procura fazer com que a força de trabalho seja vendida pelo menos em troca de salários equivalentes ao seu valor.

A mercadoria força de trabalho é a criadora do valor, mais-valia, quer dizer, da riqueza.

❖ A MOEDA:

Nas sociedades mais antigas (como ainda podemos ver em algumas regiões camponesas de nosso país) os produtos eram trocados entre si, mercadoria por mercadoria (quem queria arroz, oferecia carne ou coca, etc). Isto é a troca, posteriormente, com o desenvolvimento da civilização, das forças produtivas, uma mercadoria por suas qualidades (facilidade de transporte, durabilidade, resistência) foi escolhida para ser utilizada como equivalente geral do valor, ou seja, que todas as mercadorias se trocariam com as escolhidas para este fim. Finalmente, para esta função foram escolhidos os metais preciosos: ouro e prata, por suas qualidades excepcionais (podem ser transportados facilmente por seu pouco volume e resistência ao uso). Para facilitar a troca, o ouro e a prata foram substituídos pelo papel moeda e pelos cheques. Por isso se diz que cada real teria como respaldo à mesma quantidade de ouro (isto não acontece mais).

A moeda é simplesmente uma medida de valor, é como a régua que os pedreiros usam para mediar as superfícies. Com a moeda se mede o valor da mercadoria, o volume da produção.



#### 4 – O NASCIMENTO DA NOVA SOCIEDADE: MATERIALISMO E DIALÉTICA

O homem é parte da natureza e submisso às suas leis. No reino animal, e dentro dele, o homem mostra a matéria altamente organizada, que em sua cúpula (o homem) produz as idéias. A matéria é um elemento primário e básico e a idéia é o reflexo da matéria no cérebro do homem. O homem é o criador das idéias e não o inverso.

Nada está quieto e definitivamente estruturado. Ao contrário, tudo está em constante mutação, em transformação a cada fração de segundo. Não nos referimos à transformação (movimento) devido à ação de uma força externa a um objetivo, fenômeno etc, e sim a transformação motivada pelas forças internas dos objetos, fenômenos etc que é um processo interno.

Há duas espécies de movimento:

- a) O mecânico, que consiste no deslocamento de um objeto de um lugar para outro e que ocorre graças à intervenção de uma força estranha;
- b) O dialético, que é o resultado do choque de forças contrárias que se encontram no seio dos objetos, é a este movimento de transformação que nos referimos.

A transformação (o movimento) de um objeto ou fenômeno se realiza de acordo com as suas próprias leis e não de acordo com a vontade de quem estuda esta transformação. Para poder descobrir as tendências predominantes dessa transformação é imprescindível determinar a contradição fundamental (existem, entretanto, contradições secundárias) do objeto ou fenômeno em questão. É o choque das forças contraditórias (que em dado momento podem estar em equilíbrio precário) que gera a transformação ou movimento, que, se pode dizer, é um processo interno.



O movimento permite que um fenômeno se transforme, em determinado momento, em seu contrário, em outra qualidade, que é o que se chama '*salto qualitativo*'. Uma das forças contrárias vai se acumulando gradualmente, sem causar, de imediato, uma mudança de qualidade, mas quando chega a certo grau de acumulação (que varia segundo os fenômenos) provoca o salto qualitativo. Um exemplo: o calor vai se acumulando na água até 100°C, sem que esta deixe de ser líquido, mas nem bem chega a este limite se transforma em vapor, em estado gasoso, em outra qualidade.

O desenvolvimento (uma semente colocada em terreno úmido se transforma em planta e logo será novamente semente, daria a impressão de que se trata de um círculo vicioso) se efetua em espiral, não em forma de círculo. Um fenômeno é negado pelo seu contrário, negado, não destruído (isto seria: se pulverizo a semente no lugar de semeá-la), quer dizer que estão se dando as condições para sua futura negação. Esta negação da negação não é simplesmente um retorno a ponto de partida, e sim o verdadeiro progresso, porque o fenômeno negado em primeiro lugar retorna potenciado, engrandecido, em um plano superior.

Todo objeto e fenômeno são uma unidade que guardam forças contraditórias. Existe uma unidade dos contrários e estes podem momentaneamente harmonizar-se, mas em seu desenvolvimento entram em contradição (se chocam) que é uma forma normal de existir.

Os objetos, os fenômenos não estão isolados, e sim em relação uns com os outros, influenciando os que estão em relação com eles e recebendo a influência destes. Trata-se de uma mútua relação, de uma inter-relação, de um mútuo condicionamento.

Um fenômeno é produto ou efeito de uma causa, mas, por sua vez, é causa de um outro fenômeno.

Considerar os objetos sem transformação (a=a para sempre e que a não pode ser b), dados para sempre e isolados, é uma concepção antidialética, metafísica.

#### ❖ AS CONTRADIÇÕES ENTRE FORÇAS PRODUTIVAS E RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

Os homens para produzirem sua vida social (para proverem-se de alimentos, para dizer-lo de forma mais simples), se vêem obrigados a contrair entre eles determinadas relações de produção que são relações necessárias e impostas pelo desenvolvimento da sociedade e não deliberadamente escolhidas. O proletariado para produzir vai ao encontro das máquinas que estão nas mãos dos burgueses e para isto se vê obrigado a vender a sua força de trabalho em troca do salário. Estas são as relações de produção particulares que existem entre proletariado e burguesia. A expressão não só mais visível, e sim jurídica, destas relações de produção capitalistas é a propriedade privada burguesa dos meios de produção, pois esta determina a modalidade das relações de produção entre o proletariado e o capitalista.

Para cada sociedade existem determinadas relações de produção, ou melhor, as particularidades destas determinam as diferentes sociedades que existiram ao longo da História da humanidade. Pode-se dizer que é o grau de desenvolvimento alcançado pelas forças produtivas em determinado momento é o que determina as formas que adquirem as relações de produção.

As relações de produção são a base material e econômica, a estrutura sobre a qual se assenta e levanta uma determinada sociedade. A estrutura econômica determina as características da sociedade. Sobre ela se erguem as religiões, as doutrinas, a moral, a arte, a política etc. A estrutura econômica determina, em última instância, todas as manifestações que se empenham em representar, interpretar, conhecer e modificar a estrutura econômica da sociedade. Dizemos em última instância, porque o fator econômico pode determinar certos aspectos das idéias, passando e percorrendo muitos caminhos. A

estrutura econômica fixa os limites até onde pode ir o pensamento mais atrevido e não determina direta e mecanicamente a cor do desenho de uma pintura, por exemplo. O fato de o marxismo ter surgido no século XIX, e com a finalidade básica de demonstrar as leis de transformação do capitalismo, foi condicionada pela estrutura econômica, pelo desenvolvimento das forças produtivas, isto para citar um exemplo. Tudo o que está acima da base econômica material se chama superestrutura. Apesar desta estar determinada pela estrutura, chega o momento em que age sobre ela tentando modificá-la.

Na sociedade, a contradição fundamental está no choque entre as forças produtivas e as relações de produção. Acima dissemos que o capitalismo sucumbirá devido à contradição entre a produção social, de onde vem o produto social (conseqüência de um enorme crescimento das forças produtivas) e a apropriação individual, resultado das relações de produção imperantes (propriedade privada burguesa dos meios de produção).

As forças produtivas são constituídas pela força de trabalho (proletariado) e pelos meios de produção. Pelo grau de domínio do homem sobre a natureza, que supõe determinado desenvolvimento da tecnologia, podemos dizer se as forças produtivas estão mais ou menos desenvolvidas.

A sociedade é a unidade destes contrários, forças produtivas e relação de produção. Ao iniciar-se uma nova sociedade, depois da revolução social (chama-se *‘revolução social’*, a derrubada de uma classe por outra do poder), as relações de produção correspondem às forças produtivas, são moldadas por elas e impulsionam seu maior desenvolvimento das forças produtivas, não por seu estrangulamento entre as forças produtivas e as relações de produção, a primeira é o elemento mais ativo, aquele que se desenvolve mais rapidamente e que leva a tendência de fazê-lo sem cessar. As relações de produção sofrem transformações lentas e tendem a permanecer idênticas em sua essência, constituem o elemento conservador.

As forças produtivas crescem sem cessar sobre as novas relações de produção (aumento quantitativo), até que em dado momento se chocam com estas últimas que, deixando de impulsioná-las, ao contrário, querem contê-las, estrangula-las (é o que pretende fazer a propriedade privada burguesa e as forças produtivas globalmente, têm deixado de crescer sob o regime burguês, ainda que ocorram casos isolados e parciais de crescimento, isto às custas dos restos das forças produtivas).

Neste momento, as forças produtivas (o proletariado procura destruir a propriedade privada burguesa, no início instintivamente) contra as relações de produção e se abre um longo período de revolução social, que se encerrará com a derrota das relações de produção (propriedade burguesa) e com a conquista do poder político pela classe revolucionária.

Destruída a base material da sociedade, a estrutura (relações de produção) transformará toda a superestrutura. Estabelecidas às novas relações de produção, estas impulsionarão ainda mais as forças produtivas.

A destruição da propriedade privada burguesa (das relações de produção imperantes) será a expropriação dos expropriadores (a negação da negação), isto porque a burguesia para edificar as grandes fábricas e ter à mão uma massa considerável de proletários, começou expropriando os pequenos proprietários (que eram ao mesmo tempo operários e donos de limitados meios de produção), quebrando-lhes a força ou mediante pressões econômicas, seus escassos meios de produção, de modo que ficaram apenas com a sua força de trabalho.

#### ❖ AS BASES MATERIAIS DA NOVA SOCIEDADE:

A revolução social é o parto da nova sociedade, isto porque é o resultado da luta entre os contrários, da negação da negação, é um processo interno da sociedade.

A revolução é um fenômeno violento, um salto qualitativo (o gradual crescimento das forças produtivas ao atingir certo nível permite dar este salto), mas conserva e desenvolve o que é positivo da velha sociedade. Mais que isso, desenvolve os germens materiais da nova sociedade. São estes germens (expressão do desenvolvimento das forças produtivas) que, ao atingir certo grau de desenvolvimento e diante da necessidade de continuar o processo sem entraves, isto é, diante da necessidade de nascer, matam a velha sociedade, as relações de produção velhas e reacionárias.

A nova sociedade e a revolução social que a traz ao mundo (a violência é a parteira do processo histórico), não são impostas de fora para dentro da sociedade, nem produto da propaganda ou das idéias diabólicas dos agitadores, como pensam as mentes policialescas, e sim o resultado do próprio desenvolvimento da velha sociedade, trata-se de uma necessidade histórica, significa que o desenvolvimento da sociedade se transforma, inevitavelmente, em salto revolucionário.

No capitalismo envelhecido, transformado em reacionário e que se encontra moribundo, podemos sentir todos os dias e em todas as partes, as premissas materiais da sociedade comunista. Estas premissas são o resultado do desenvolvimento das forças produtivas, um desenvolvimento prodigioso decerto. A própria burguesia preparou o caminho de sua destruição e criou o seu próprio coveiro, que é o proletariado.

As bases materiais da sociedade comunista, já contidas no capitalismo são: a produção baseada em máquinas (o que permite, pela primeira vez, uma produção ilimitada), a economia mundial e a possibilidade de unir todos os povos, fazendo com que desapareçam as fronteiras, o que permitirá uma planificação mundial da produção tendo em vista as necessidades da humanidade, a produção social, o manejo dos meios de produção e o produto social. O comunismo deve partir deste ponto mais elevado atingido pelo desenvolvimento capitalista e sua

primeira consequência será um impulso prodigioso para o crescimento das forças produtivas.

#### ❖ A REVOLUÇÃO SOCIAL NÃO É UM PROCESSO MECÂNICO

É claro que não pode haver revolução social se as forças produtivas não estiverem suficientemente maduras; a transformação revolucionária da sociedade, quando as forças produtivas se encontram em pleno crescimento, se dilui como uma utopia. De fato quando uma camada social substitui a outra camada da mesma classe (os diversos setores da burguesia, por exemplo) no poder, se trata simplesmente de uma revolução política e não social.

A maturidade das forças produtivas, que é um fenômeno objetivo, estranho às intenções dos protagonistas da luta de classe, coloca a necessidade histórica de que se consuma a revolução social. Sem dúvida, isto não quer dizer que a revolução social se consuma imediatamente ou de forma mecânica. A história é feita pelos homens, claro que em condições predeterminadas que estão condicionadas pelo grau de maturidade das forças produtivas. Isto significa que o cumprimento das leis de transformação da sociedade depende da ação dos homens, no caso do capitalismo, dos proletários, que encarnam a rebelião das forças produtivas.

O proletariado consciente, que sabe qual é a sua missão histórica e como cumpri-la, condiciona a luta às leis da transformação da sociedade e contribui para materializa-las. Sabemos que é o proletariado consciente, ou seja, organizado no seu partido político. A inconsciência da classe chamada a consumir a revolução impede a transformação da sociedade e esta poderá retornar à barbárie (o fascismo, etc).

Isto quer dizer que a revolução social não se dá por si só, sendo que será através das classes revolucionárias, que no curso da luta se organizam, se educam e se temperam para cumprir esta tarefa.

❖ CONDIÇÕES OBJETIVAS E SUBJETIVAS DA REVOLUÇÃO:

As condições objetivas são aquelas que estão fora do homem e do seu controle, que não podem ser modificadas conforme sua vontade ou capricho. O que é objetivo é o mundo exterior ao homem. As condições subjetivas são as que podem ser criadas ou modificadas pela atividade humana, pela vontade do homem.

Entretanto, as condições subjetivas que não podem ir além do condicionamento do fato

objetivo. A maturidade do fator econômico, quer dizer, o desenvolvimento das forças produtivas, forma a base material, objetiva, da revolução proletária. Repetimos que esta é possível e necessária devido à enorme maturidade alcançada pelo fator objetivo.

Entretanto, nota-se uma acentuada imaturidade do fator subjetivo, quer dizer, da consciência de classe do proletariado que pode impulsioná-la para organizar-se e preparar-se para sua missão histórica: consumir a revolução proletária anticapitalista. A maturidade do fator subjetivo se mede pela formação do Partido Operário Revolucionário, pelo devido ajuste de seu programa, de sua organização e por sua penetração no seio das massas. Sem o partido operário não haverá revolução proletária. Todo operário consciente deve trabalhar sem descanso para edificar uma forte e poderosa vanguarda proletária.



## 5 – O ESTADO E AS LEIS SOCIAIS

### ❖ O ESTADO:

O Estado é um fenômeno histórico que aparece com as classes sociais, ou seja, dos explorados e exploradores, dos oprimidos e opressores.

É um fenômeno histórico que nasce em dado momento do desenvolvimento da humanidade, precisamente quando aparecem as classes sociais e que deve desaparecer quando estas desaparecerem, isto é, no comunismo.

O Estado é um instrumento nas mãos da classe dominante, dos donos do poder político e da riqueza, a fim de que possam submeter à maioria e explorá-la. A função do Estado é manter calmos os oprimidos, é uma força de submissão; é uma força opressora. O exército, a polícia, os juízes, as leis expressam esta força opressora. O Estado não é neutro na luta de classes, é o instrumento que utiliza a burguesia para esmagar o proletariado.

O Estado operário, a ditadura do proletariado, também é um Estado classista a serviço da classe operária, seu instrumento para derrotar a resistência burguesa e estatizar os meios de produção, que permitirá abrir caminho até o comunismo. Mas não se trata simplesmente de que a classe operária se apodere do Estado burguês e que este não sofra maiores transformações.

O Estado burguês mais democrático garante o cumprimento das garantias constitucionais em favor de uma minoria e em prejuízo de uma maioria, que é privada dos benefícios da democracia. O Estado operário materializará a democracia a favor das massas majoritárias e será ditatorial (privação das garantias e direitos) para a minoria burguesa.



O Estado burguês é formado por um reduzido grupo de funcionários especializados, colocados acima da sociedade e regidamente pagos. O Estado operário será, pela primeira vez, o Estado da maioria e caberá a esta maioria vence-lo.

No Estado burguês, os *'representantes'* do povo são designados por um tempo fixo e tomam a liberdade de interpretar os interesses e desejos de seus mandatários segundo seus critérios. No Estado operário, os representantes levam o mandato imperativo de suas organizações e estas podem revoga-los quando acharem conveniente, quando vêem que não se ajustas às suas decisões.

O Estado operário se assentará nas organizações do proletariado, dos camponeses e das massas, o poder será exercido através delas. O Estado operário tende a dissolver-se na sociedade e isto ocorrerá no comunismo.

O Estado adquire as mais diversas formas que são as diferentes formas de governo conhecidas.

#### ❖ A DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

Está baseada no voto universal (todos dão seu voto para constituir os poderes governamentais e por isto se supõe que os cidadãos são iguais) e na divisão do Estado em três poderes pretensamente independentes e iguais entre si: o Poder Executivo, que tem a sua disposição os recursos econômicos do Estado, o exército, a polícia, executa as leis e preserva a ordem pública; o poder Legislativo, encarregado de fazer as leis, de deliberar; o poder Judiciário, que determina os direitos e obrigações dos cidadãos, que aplica a lei a cada caso particular. Na verdade, o único poder verdadeiro é Executivo, os outros estão subordinados totalmente a este: tanto o parlamento (legislativo), como os juízes (judiciário).

❖ MONARQUIA ABSOLUTA:

É a forma de governo regida por um monarca (rei) que não dá conta de seus atos a ninguém, que todos os recursos governamentais lhe são subordinados diretamente. Sua vontade é a lei suprema.

❖ MONARQUIA CONSTITUCIONAL:

É a monarquia subordinada à Constituição e ao parlamento, um exemplo disso é a Inglaterra.

❖ DITADURA:

Chama-se assim um governo regido por uma pessoa e sua camarilha. As leis são desconhecidas e a vontade do ditador é a lei suprema, colocada acima da Constituição. O ditador geralmente assume diretamente todos os poderes, suprime o parlamento e designa e destitui os juizes para ter sua total obediência. Exemplo de ditadura: Banzer, na Bolívia; Pinochet, no Chile. No Paraguai havia a ditadura de Stroessner, mas havia um Parlamento que estava totalmente submisso ao ditador.

O importante é destacar que qualquer forma que adquira o Estado, ainda que se trate de uma democracia representativa muito aperfeiçoada, sempre estará a serviço da classe dominante e que sua função fundamental é permitir que os trabalhadores sejam explorados pelos donos do poder, defender a propriedade privada e os privilégios dos exploradores. Se alguém destrói uma máquina, ou atenta contra a propriedade privada, é levado aos tribunais, onde os juizes decretam sua pena e o prendem.

❖ FASCISMO:

Quando a ditadura reacionária, a serviço da classe dominante, utiliza a violência do Estado para destruir fisicamente as

organizações populares, operárias e políticas revolucionárias, o que supõe que passa por cima das leis burguesas e destroem as garantias democráticas e sindicais, chama-se fascismo.

O fascismo surge quando se aprofunda ao extremo a luta de classes, quando os explorados ganham ameaçadoramente as ruas para combater a burguesia, quando os tradicionais métodos democráticos ou semidemocráticos já não são suficientes para segurar os operários, então a classe dominante rasga todas as normas democráticas criadas por ela mesma e recorre à violência.

Trotsky escreve: *‘O sistema dos decretos burocráticos é instável, incerto, pouco viável. O capital necessita de outra política mais decisiva. O período das meias medidas ficou para trás. No seu intento de procurar outra saída, a burguesia deve desembaraçar-se completamente da pressão das organizações operárias, dispersá-las, esparramá-las, quando não destruí-las. Aqui começa a função histórica do fascismo. Subleva as classes que estão imediatamente acima do proletariado e que teme com desespero serem condenadas a engrossar as fileiras da classe operária. As organiza e as utiliza com os meios do capital financeiro, sob a asa do Estado oficial, e as orienta para a destruição das organizações proletárias desde as mais revolucionárias até as mais moderadas. A essência e a função do fascismo é abolir completamente as organizações operárias e impedir seu restabelecimento. O único método, para eles, é o de se opor ao ataque do proletariado, quando este se debilita, o ataque das massas pequeno-burguesas enfurecidas. É este exatamente o sistema peculiar de reação capitalista que entrou na história com o nome de fascismo.*

A revolução proletária começará destruindo o Estado burguês. Engels disse: *‘Destruir o Estado burguês é a condição primeira de toda a revolução popular real.’*

❖ A LEI:

Qualquer que seja a forma de governo que adquira o Estado burguês, as leis são ditadas pelos donos deste, do poder político. A finalidade destas leis é defender a propriedade privada, os privilégios dos exploradores e determinar a forma que assumirá a exploração dos trabalhadores, isto se aplica também às leis mais liberais, às leis sociais, que são chamadas de proteção para os operários. Isto é claro, ninguém pode ditar as leis em prejuízo próprio, muito menos os exploradores que têm a seus serviços as escolas, as universidades, os jornais, os rádios etc., o que permite moldar a opinião pública conforme seus interesses e necessidades.

#### ❖ A APLICAÇÃO DAS LEIS:

Existe um ordenamento jurídico (quer dizer, a estrutura das leis e sua forma de explicação), uma ordem de aplicação das leis às quais têm que se sujeitar os juizes e os governantes em geral, pelo menos teoricamente. A lei mais importante de um país é a Constituição Política do Estado que estabelece a forma de governo. Os direitos e garantias dos cidadãos, seus deveres, as funções e deveres dos governantes, as normas gerais as quais tem que se sujeitar as outras leis, aí também se estabelecem os direitos sindicais, os direitos e deveres dos trabalhadores, etc.

A Constituição é a lei das leis. Nenhum governante deve atuar contra a Constituição ou ditar outras leis ou decretos contrários ao que ela prescreve. A garantia de que a Constituição não será acomodada aos interesses momentâneos do Poder Executivo é que para sua modificação tem que se seguir um trâmite especial e que só pode ser feito pelo parlamento. Nenhuma outra lei (que se chama secundária, porque está abaixo da Constituição) e ainda menos um decreto pode modificar o que se diz na Constituição.

O Artigo 182 da Constituição mostra a regra da ordem de aplicação das normas legais: *‘As autoridades e tribunais (se refere aos juizes) aplicarão estas (se refere às leis) com referência a quaisquer outras*

*soluções. Entre estas resoluções, estão os decretos supremos, as resoluções supremas e as resoluções ministeriais, a ordem de aplicação é, pois, a seguinte: 1º Constituição Política do Estado; 2º Leis (entre elas deve se considerar os códigos de procedimentos); 3º Decretos Supremos; 4º Resoluções Supremas (firmadas pelos ministros e o presidente); 5º Resoluções Ministeriais.’*

Quando Banzer, na Bolívia, dispôs que a Constituição está em vigor com a condição de que toda disposição desta que contrarie seus decretos ficariam suspensas, o que estava fazendo é consagrar a não vigência da lei das leis estava destruindo todo o ordenamento jurídico burguês.

#### ❖ CONVÊNIOS INTERNACIONAIS

Um país faz parte de muitas organizações internacionais, que fazem acordos e convênios, que, para elas, são verdadeiras leis. Quando se adota um convênio internacional e a Bolívia, por exemplo, se submeta ao convênio, que este transforme em lei e que não se pode atuar nem legislar contra ele, o que significa adotar medidas que permitam o fiel cumprimento do convênio. Exemplo, a Bolívia faz parte da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que é um organismo das Nações Unidas (ONU) e da qual também é membro. A OIT aprovou em 9 de julho de 1.948 em São Francisco (EUA), o Convênio nº 87 sobre a “Liberdade Sindical e Proteção do Direito de Sindicalização”, que foi ratificado pelo governo boliviano, pela Lei de 28 de novembro de 1.962. Isto significa que nenhum regime de nosso país pode legislar ou atuar contra o disposto no referido convênio internacional, que estabelece que os operários podem fundar sindicatos, sem autorização prévia da autoridade e que esta não pode nem deve dissolvê-los quando julgar conveniente, entretanto, o governo Banzer dissolveu os sindicatos, proibiu reuniões, greves etc., que são reconhecidos pela Constituição (Art.159).

#### ❖ LEGISLAÇÃO SOCIAL:

A Constituição boliviana de 1.938 introduziu um novo capítulo sobre o regime social, nele são consagradas muitas conquistas do proletariado: contrato de trabalho (art. 157); defesa da força de trabalho e proteção social (art. 158); livre sindicalização, direito de greve, fórum sindical (art. 159), etc.

A própria Constituição fixa os princípios da legislação social que não são iguais aos direitos civis, por exemplo, que interessam as pessoas particulares. Estes princípios são: a – as leis sociais, são de ordem pública, quer dizer, são do interesse da sociedade e podem ser invocadas por qualquer pessoa, ainda que seja alheia ao fato denunciado; b – podem ter efeito retroativo quando assim determinar a lei (significa que podem se aplicar a fatos ocorridos anteriormente à edição da lei rompendo com o princípio que as leis regem o futuro e não o passado consumado), isto porque são de interesse da sociedade; c - são de efeito universal, ou seja, devem ser aplicadas a todos os trabalhadores; d – os direitos e benefícios reconhecidos pelas leis sociais são irrenunciáveis e todos os contratos que os violem são nulos. Um exemplo, quando o governo Banzer autorizava os contratos eventuais, que é o trabalho à margem da proteção social e dos benefícios reconhecidos pelas leis, estava agindo contra este princípio consagrado na Constituição.

A legislação social é parte das leis ditadas pela classe dominante e no caso concreto o faz partindo de seu '*direito*' de explorar os trabalhadores, pois este é o seu interesse fundamental.

Há que se desmascarar em primeiro lugar, a falsificação de que as leis sociais liberam os proletários de sua condição de escravos modernos, de que permitem que os trabalhadores não sejam explorados ou de que concretizam uma sociedade socialista. Sabemos que pelo fato de vender sua força de trabalho em troca de salário, um explorado continuará sendo explorado enquanto imperar este estado de coisas. As melhorias sociais, todas as concessões dos patrões que fazem as leis, no máximo podem diminuir o grau de exploração, porém de maneira nenhuma elimina-la. A libertação do proletariado se dará quando este não for mais

obrigado a vender sua força de trabalho para o burguês. O interesse da burguesia como classe é o de explorar o proletariado, não em destruí-lo fisicamente, é de seu interesse que a fábrica continue funcionando todos os dias e em boas condições para que tenha um rendimento satisfatório, é de seu interesse que o proletariado se reproduza a fim de assegurar a marcha das empresas e o seu futuro. Isto quer dizer que a exploração dos trabalhadores deve se dar em condições normais, preservando sua integridade física é essa a finalidade que a legislação social cumpre.

❖ NECESSIDADE DE LUTA PELA CORRETA APLICAÇÃO DAS LEIS SOCIAIS:

É certo que a burguesia como classe (o conjunto da burguesia) tem interesse em explorar os trabalhadores em condições normais, sem destruí-los. O governo, na medida em que representa os interesses gerais da classe dominante, zela para que os operários não sejam fisicamente destruídos, dita as leis protetoras da força de trabalho.

O que não se pode esquecer é que os burgueses (patrões) individualmente considerados, procuram lucros maiores, sem se importar em submeter os operários a uma superexploração, de fazê-los trabalhar em condições sub-humanas, em destruí-los fisicamente para assim poderem acumular mais riquezas. Observa-se com freqüência o abandono das normas mais elementares de segurança industrial (ventilação, uso de máscaras, defensivos para evitar que os trabalhadores caiam sobre máquinas e as conexões elétricas), tudo para que não diminuam seus lucros.

Deste fato provém o choque freqüente entre os empresários individualmente considerados e o Estado, pois violam as leis sociais sempre que podem, muitas vezes há cumplicidade das próprias autoridades.

Se é certo que mediante a legislação social o proletariado não se libertará, também é evidente que o fiel cumprimento das leis

protetoras podem melhorar as condições de vida e de trabalho do operário. Igual atitude é assumida com relação à luta por melhores condições salariais: os salários altos não libertam os operários, porém diminuem a exploração.

Tampouco as garantias democráticas, estabelecidas pela burguesia, supõem por si sós o socialismo, mas sua vigência pode facilitar a organização da classe operária e estabelecer condições favoráveis para sua luta. Por isso se inscreve nos programas das organizações proletárias a vigências das leis sociais, das garantias democráticas e constitucionais, e as lutas por melhores salários.

Importante é mostrar aos trabalhadores as limitações das leis sociais e porque devem zelar pelo seu cumprimento.

Os operários se mobilizam e lutam impulsionados por suas necessidades imediatas, pelas exigências emergentes do trabalho diário e não pelas maravilhas do socialismo, etc. O que se deve fazer a partir da situação atual do proletariado, de suas necessidades concretas é orienta-lo para a luta política, até a conquista do poder.





## 6 – ORGANIZAÇÕES PRÓPRIAS DO PROLETARIADO

O proletariado, diferentemente das outras classes sociais, tem suas próprias organizações, estruturadas ao longo de sua história e como consequência do lugar que ocupa no processo de produção de suas características inconfundíveis.

Estas organizações surgem como instrumentos na luta contra a prepotência capitalista, e como expressão da independência do proletariado da influência das outras classes sociais.

Quando a classe operária cobrou proeminência sobre as massas, as organizações próprias delas foram generalizadas, outros setores sociais foram se apropriando delas, ainda dando-lhes um conteúdo diferente. Podemos citar como exemplo dos sindicatos de camponeses, de inquilinos, de comerciantes minoritários, etc.

A burguesia, tentando derrotar o proletariado, procura, às vezes, desvirtuar as organizações operárias, submetendo-as a sua própria legislação, e outras vezes, destruí-las fisicamente, que é o que ocorre no fascismo.

As organizações proletárias mostram diferentes características segundo o grau de desenvolvimento e a maturidade da classe operária. Neste terreno, a luta de classes se centra no problema da independência das organizações proletárias do Estado e da burguesia. A classe dominante empenha-se em subordiná-las a suas leis, em manchar seu caráter de instrumentos de luta dos oprimidos. O proletariado consciente defende zelosamente sua independência de classe e ajusta suas organizações para que lhe sirvam em sua luta.

### ❖ SINDICATO E PARTIDO:

São duas as organizações próprias da classe operária contemporânea: os sindicatos e os partidos políticos. Dizemos que são

organizações próprias dos operários porque são suas criações autênticas e porque correspondem (dão respostas) as necessidades particulares e exclusivas do proletariado. É claro que os sindicatos e o partido operário aparecem com o proletariado e em momentos distintos de sua evolução.

Historicamente, a primeira organização operária que surge é o sindicato, como um núcleo de resistência frente à exploração e excessos patronais. Corresponde à luta instintiva e econômica. Mas, como mostramos, é sobre a base da experiência que se adquire e acumula nesta forma de combate que é possível que o proletariado passe à luta política consciente.

Não resta dúvida de que os trabalhadores, que lutaram tão longa e sacrificadamente até obter o reconhecimento de suas associações, pensavam que com a legalização dos sindicatos acabaria a exploração e a opressão. Uma dura experiência bastou para convencê-los do erro.

As lutas econômicas se distinguem porque enfrentam um setor (ou fábrica) de operários contra determinado patrão. Contudo, os explorados não podiam começar sua luta de outra forma, era preciso que percorressem estes caminhos antes de se estruturar como classe. Pode-se dizer que o âmbito natural do sindicato, desde sua origem, é a luta pelos objetivos imediatos. Não é a ferramenta adequada para dirigir a luta pela conquista do poder político e conseguir a consolidação da vitória revolucionária.

Pode haver sindicatos, inclusive muito poderosos do ponto de vista organizativo e econômico, como é o caso das associações norte-americanas filiadas a AFL-CIO (cuja agência na Bolívia é o maldito Instituto Americano para o Desenvolvimento do Sindicalismo Livre, mantido pelos grandes conglomerados ianques e pelo governo norte-americano), o que não leva o proletariado a alcançar a condição de classe para si (com consciência de classe). Sabe-se que a AFL-CIO apóia decididamente a política imperialista da burguesia, que explora o

proletariado dos EUA e dos países atrasados, e se transformou no mais sério obstáculo para a estruturação do partido operário. Desta forma, a massa sindicalizada norte-americana sustenta seu próprio inimigo de classe.

Seria, pois, equivocado concluir que os sindicatos por si sós garantam uma conduta revolucionária dos explorados ou que sejam capazes de dirigir a luta política destes. A orientação dos sindicatos depende de qual tendência política os domina.

Os sindicatos não foram uma criação dos teóricos, e sim uma obra autêntica dos proletários. Quando estes se viram ante a necessidade de resistir, com a possibilidade de vitória, aos excessos patronais, não tiveram outra escolha a não ser unir-se ferreamente poder assim neutralizar de alguma forma o poderio dos capitalistas, donos das riquezas e do aparelho do Estado. É admirável a luta travada pela classe a favor da conquista do direito de sindicalização que foi definitivamente consagrado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pelas Nações Unidas, e se encontra incorporado na Constituição Política do Estado, ou seja, foi legalizado.

O partido operário é a expressão da consciência de classe do proletariado. Sua existência como programa e sua penetração no seio das massas demonstra que a classe operária iniciou o processo que a transformará em classe para si. Se idenpendentiza das outras classes sociais.

Na formação do partido operário tem influência decisiva e direta a participação do movimento socialista internacional, inspirado e impulsionado pelos intelectuais da classe média.

O partido operário não é, certamente, uma criação caprichosa, a criatura saída da cabeça de um ideólogo, ou resultado de uma atividade puramente agitativa, e sim que responde a uma determinada necessidade histórica, enfim, é uma das conseqüências do

desenvolvimento do capitalismo. O proletariado, ao adquirir consciência, luta pela sua libertação, pela destruição da propriedade privada e do Estado burguês e pela sua própria ditadura, é então que se coloca ante a necessidade insubstituível de forjar um aguçado instrumento político. O que é indispensável pela situação de exploração e de privação dos meios de produção culturais do proletariado. Sem partido operário, mostram a experiência e a teoria, que não se pode pensar na libertação definitiva do assalariado.

❖ O SINDICATO:

O sindicato proletário é uma forma elementar de frente única de classe. Isso quer dizer que pertencer ao sindicato não significa estar subordinado a considerações programáticas ou de crença religiosa, mas unicamente ao fato de trabalhar em determinada fábrica ou empresa.

Isto supõe que o sindicato, para poder existir como expressão dos operários, deve colocar na base de sua organização a mais ampla democracia interna, o que supõe que deve garantir a existência de todas as tendências do pensamento operário e a livre propaganda de suas idéias. Não se pode discutir o direito dos trabalhadores de abraçar a política e o partido que acharem convenientes. Ninguém pode ser expulso de um sindicato por sustentar essas ou aquelas idéias e tampouco ser perseguido por esse motivo, nem pelos diretores sindicais, nem pelos organismos repressivos do governo. Caso contrário, não se pode falar de respeito ao direito de sindicalização. Uma democracia sindical bem entendida exige que o sindicato defenda seus filiados sempre que estes percam seu trabalho, por suas idéias políticas ou sejam presos por isso.

Cultivar a democracia sindical é de enorme importância para a devida estruturação do organismo operário. A direção trabalhadora deve ser constituída através de amplas, corretas e bem divulgadas eleições dando lugar para a expressão de todas as tendências, combatendo as camarilhas e os jogos sujos. Mas, deve entender claramente que não se trata de eleições gerais como uma formalidade, de modo que os eleitos

podem depois, quando assim lhes aprouver, atuar contra os interesses dos trabalhadores. Os mandantes devem ter a oportunidade e o direito de expulsar dos cargos de direção todos que demonstrem se mover contra os desejos do quadro de base.

O sindicato é uma organização aberta a todos os operários da fábrica e se esforça por compreender a totalidade do pessoal. Em muitos países, os patrões se esmeram em impedir a sindicalização de todos os operários e, geralmente, estão dentro das organizações operárias as camadas mais ativas, a grande massa atrasada e indiferente está à margem. Também é do interesse dos capitalistas que nas empresas existam dois ou mais sindicatos (geralmente um de operários e outro de funcionários administrativos), às vezes divididos por questões ideológicas etc. Se o sindicato é uma forma de frente única e se a união dos explorados é imprescindível para a conquista das vitórias nas lutas, o correto é que exista um sindicato em cada empresa e nada mais.

A Lei Geral do Trabalho estabelece que se constituam partindo do acordo da maioria dos trabalhadores, disposição que não permite a existência de mais de um sindicato por empresa. Mas está aberta a possibilidade de que surjam sindicatos de funcionários administrativos, diferentes dos sindicatos de operários. Deve-se lutar por um só sindicato dirigido pelos operários.

Nos primórdios do sindicalismo, os operários se uniam de acordo com seus ofícios (sindicatos de mecânicos, motoristas, carpinteiros, maquinistas, etc), esta forma de organização é conhecida pelo nome de '*sindicalismo de ofício*'. O surgimento de fábricas colossais com dezenas de milhares de operários colocou o problema de organizar todos os explorados por empresas, passando por cima de seus ofícios e especialidades, a fim de não quebrar a unidade; em cada empresa um sindicato único. Esta última forma de organização é conhecida como '*sindicalismo de categoria*'.

É de interesse de todos que os movimentos e atos do sindicato sejam de conhecimento da maior quantidade de operários

possível de preferência, de todos que trabalham na empresa. A publicidade das atuações sindicais é imprescindível. Por outro lado, os dirigentes, para não cair em desvio burocrático, para não se desligarem da vontade das bases, devem convocar, conforme estabelecem os estatutos sindicais, as assembleias gerais e de delegados de seção, com toda normalidade. A essência do sindicalismo é a vontade das bases, é a lei suprema, a ela devem subordinar-se os dirigentes e estes não devem atuar a seu bel-prazer, e sim obrigados a consultar seus mandantes quando se trata de decidir sobre os interesses vitais dos operários. O fascismo se esforça para desconhecer a vontade dos operários e por substituí-las por uma série de falsificações.

Entretanto, e excepcionalmente, adota-se a forma do sindicalismo clandestino onde os regimes totalitários burgueses não permitem o livre desenvolvimento das organizações trabalhistas (a Bolívia, sob o regime gorila do general Banzer), que necessariamente, significa uma limitação da democracia e deve ser considerado como transitório. Os comitês de base na Bolívia são uma variante do sindicalismo clandestino que viola os decretos anti-sindicais do general Banzer.

Resumindo: a legalidade é o clima adequado para o pleno desenvolvimento das organizações sindicais. Inclusive os organismos clandestinos devem lutar para conquistar a legalidade.

#### ❖ PARTIDO OPERÁRIO:

O surpreendente é a existência de numerosos partidos que se reivindicam da classe operária e até da revolução a ponto de tornar impossível, para muitos, reconhecer qual deles afinal é o verdadeiramente revolucionário.

Os partidos expressam seus objetivos no seu programa, que é o documento fundamental, que condiciona sua conduta diária e sua forma organizativa. Não é raro chocar-se com grupos que se auto-intitulam partidos e que, no entanto, não têm programa, limitam-se a fazer

declarações vagas. Estes grupos acabam, geralmente, na aventura. O partido revolucionário é aquele que em seu programa expressa os objetivos históricos do proletariado (destruição do capitalismo, da propriedade burguesa privada e estruturação da ditadura do proletariado) e não unicamente os imediatos (melhores condições de vida e de trabalho), coisa que inclusive os partidos burgueses podem fazer. Pode haver muitos outros partidos formados nos meios operários, mas que não são revolucionários, que se apóiam nos setores atrasados das massas, que expressam interesses puramente econômicos (coisa que os partidos burgueses também podem fazer) que transmitem a ideologia de outras classes sociais.

O partido operário é a vanguarda revolucionária da classe e agrupa os elementos mais avançados, mais valentes, mais sacrificados, mais inteligentes. Atua como Estado Maior dos explorados.

Para ser militante do partido operário deve-se preencher três requisitos:

A – conhecer e estar de acordo com seu programa;

B – pertencer a uma de suas células (só assim pode participar da atividade política interna e ser controlado e orientado pela organização);

C – Contribuir com o financiamento das atividades partidárias por meio do pagamento pontual das cotizações.

O partido operário, diferentemente do sindicato, agrupa unicamente a uma minoria dos proletários que estão de acordo com seus objetivos, não é à toa que é sua vanguarda. Estes elementos são selecionados pela compreensão do programa e pelas provas de fidelidade aos princípios e à organização partidária. No entanto, é de interesse do partido contar com um considerável número de militantes que permita penetrar nas massas.

O núcleo fundamental do partido é a célula por fábrica, que é formada por militantes de um determinado lugar de trabalho.

Junto a estas células se encontram as células de rua, de bairro, de colégios, etc.

A norma organizativa básica do partido operário é o centralismo democrático, que não tem aplicação no campo sindical. Deve observar-se a mais ampla democracia interna, o direito de discussão de todos os problemas e divergências com a direção, o que permite fixar a linha político-partidária, em última instância, pela militância de base, mas, o partido operário não é um clube de discussão e, sim, ao contrário, uma organização principalmente executiva. Está imposta, pois, a necessidade de que na atuação exterior se observe uma granítica unidade e se leve até as massas uma única linha política. A ampla democracia existe para tornar possível e eficaz a atuação unitária no exterior, nisto consiste o centralismo democrático. Tal norma organizativa seria inconcebível se não se conseguisse que os setores minoritários, divergentes com a direção, se submetessem às decisões da maioria. A discussão interna acaba com as reuniões nacionais em que os problemas em disputa são submetidos ao voto dos delegados das organizações de base.

O partido operário, diferentemente do sindicato, é uma organização ideologicamente homogênea, porque para ingressar nele é preciso estar de acordo com o seu programa, com seus estatutos e com as resoluções de seus congressos e reuniões nacionais.

O partido operário enquadra parte de suas atividades dentro das normas da clandestinidade, isto inclusive dentro do país mais democrático do mundo. Não se trata de jogar todos na clandestinidade, e sim de uma norma surgida da evidência de que o partido operário procura destruir o regime imperante. Certos aspectos da propaganda, das comunicações, devem desenvolver-se longe da observação dos organismos de repressão do Estado burguês. Em outros países, onde as manifestações



do pensamento proletário são perseguidas, toda a atividade partidária é clandestina; entretanto, devem ser esgotados todos os recursos para aproveitar qualquer oportunidade de legalidade. Pode-se dizer que o partido operário combina as atividades legais e clandestinas.

❖ RELAÇÃO ENTRE SINDICATO E PARTIDO OPERÁRIO:

Sindicato e Partido não são organizações antagônicas ou totalmente estranhas entre si, ao contrário, estão em relação mútua. O sindicato mais atrasado é o lugar onde os explorados adquirem diariamente sua experiência, ponto de partida para tornar possível a compreensão do programa revolucionário e da luta política.

É falsa a tese de que o partido revolucionário não atua no seio dos sindicatos (das massas); esta atuação se realiza através de sua militância operária e não por meio de imposições burocráticas. Da mesma forma, não existe apoliticismo sindical, os ‘apolíticos’ limitam-se a servir à política reacionária da burguesia.

O militante revolucionário formula respostas para os diversos problemas trabalhistas do ponto de vista do programa de seu partido, nesta medida transmite ao resto dos companheiros a influência da organização política em que milita, militância garantida pelas normas constitucionais. Na luta diária, os militantes revolucionários, ao demonstrarem uma indiscutível fidelidade de interesses, ganham a confiança das massas e, desta forma, conseguem que o partido político possa dirigi-las politicamente. É justificável a ambição partidária de ter influência sobre os sindicatos, de conquistar para suas posições a maioria operária.

A política revolucionária engloba todas as manifestações da vida social. Não existe um abismo entre as lutas econômicas e políticas, como tampouco a luta por reformas e a finalidade revolucionária, todas estas facetas estão englobadas na política. Daí se deduz que o partido operário tem a obrigação de dirigir politicamente os sindicatos.

Sem esta direção, os sindicatos acabam servindo à burguesia e se transformando em obstáculos no caminho da revolução.

Certamente estamos muito longe do período de iniciação do movimento operário. Vivemos na época em que os trabalhadores ingressam totalmente na afirmação e evolução da consciência de classe, o que dá lugar a que os sindicatos sofram uma profunda transformação, com relação ao que ocorria no passado, e se transformam em canais poderosos de mobilização de massas, em auxiliares valiosos na marcha da revolução proletária, e este sindicalismo exige que o partido político mostre o caminho da libertação dos oprimidos. Não pode haver dúvidas de que é imprescindível que o partido político oriente politicamente os sindicatos.

A estrutura e organização do partidos operários revolucionários em todo mundo e também, na Bolívia, seguem os passos determinados pelo bolchevismo, que liderou as massas russas na revolução vitoriosa de 1.917.

#### ❖ ESTATIZAÇÃO DOS SINDICATOS:

Na era do imperialismo, em que o capital financeiro apoderou-se do aparato estatal, existe uma grande tendência para a estatização das organizações sindicais, de modo que o proletário perca sua independência de classe e seus sindicatos se transformem em apêndices do Estado, em organismos dedicados a auxiliar os planos governamentais.

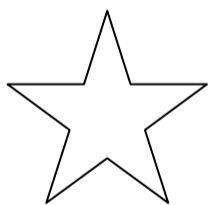
Esta tendência surge extremamente acentuada nos regimes totalitários e, particularmente, quando estes têm como cenário os países atrasados. Na Bolívia, o atual governo Banzer está vivamente interessado em que os sindicatos percam toda sua liberdade de movimento e se somem aos contingentes comandados pelos generais. Se os sindicatos seguem a política oficial são permitidos, se lutam por desenvolver uma conduta independente, são duramente combatidos. A primeira medida dos sindicatos estatizados é estrangular a vontade das massas.

É um dever elementar lutar contra esta tendência e reafirmar a independência de classe, tanto ideológica e organizativa, da influência estatal das outras classes sociais.

❖ ORGANIZAÇÕES DO TIPO SOVIÉTICO:

O proletariado e as massas se incorporam na luta por sua libertação a partir de uma situação de exploração, de carência de toda forma de propriedade sobre os meios de produção e dos benefícios da cultura. O Ascenso revolucionário implica na incorporação de camadas cada vez maiores dos explorados, que até então, permaneciam fora das organizações tradicionais do proletariado: os sindicatos e o partido operário.

Isto explica porque o sindicato e o partido operário tornam-se inadequados, em dado momento da mobilização revolucionária, para englobar as massas sublevadas, mostram traços conservadores e rígidos em matéria organizativa. É então que surgem, como obra da capacidade criativa das massas, entidades mais amplas, mais elásticas e que mostram inconfundíveis aspectos soviéticos, ou seja, que tendem a se transformar em órgãos de poder dos operários. O partido operário deve animar, influir e dirigir estas organizações e não combater-las.



## 7 – MÉTODOS DE LUTA DO PROLETARIADO

O proletariado, da mesma forma que as outras classes sociais, tem seus próprios métodos de luta, que são diferentes dos criados pelas demais classes, isto como consequência do lugar que ocupa no processo de produção e de suas próprias características. Se o proletariado é a classe dirigente do processo revolucionário, é claro que deve impor seu método de luta para as massas.

### ❖ AÇÃO DIRETA DAS MASSAS:

Os métodos de luta são criações genuínas das massas em sua luta diária, trata-se de respostas que são dadas nas dificuldades que encontramos no caminho da realização de nossos objetivos. Surgem na História à margem das especulações dos teóricos e, às vezes, até contrariando suas conclusões.

Na base dos métodos de luta da classe operária se encontram as mobilizações de massa, o que significa dizer que tudo que o proletariado faz é acionar seus setores majoritários. Daí surge a diferença entre os métodos de luta dos pequeno-burgueses e, principalmente, dos intelectuais, que idealizam uma série de ações às costas dos explorados.

A mobilização e a vontade das massas encontram sua mais alta expressão na ação direta, o que significa que os explorados tomam em suas mãos a solução de todos os seus problemas, que certamente acabam despedaçando o ordenamento jurídico vigente e a vontade da classe dominante e das autoridades designadas por elas.

A ação direta das massas pode assumir as formas mais diversas segundo a evolução do proletariado e das circunstâncias políticas imperantes: desde manifestações de rua, a ocupação de fábrica, e até nas múltiplas manifestações da luta armada (insurreição, guerra civil). As

massas têm de amadurecer para empreender determinados métodos de luta e estes devem responder às necessidades históricas concretas.

❖ ARBITRAGEM OBRIGATÓRIA:

No outro lado, encontramos a arbitragem obrigatória, idealizada pela burguesia para derrotar as massas. A greve é uma das manifestações da ação direta. O governo, ao regulamentar seu exercício, pretende desvirtua-la mediante a arbitragem obrigatória, que é uma armadilha que parte da fantasia de que o Estado é neutro na luta de classes. Em um conflito trabalhista deve se esgotar a conciliação operário-patronal (uma discussão sobre a pauta operária) ou cair na arbitragem (o tribunal arbitral (Justiça do Trabalho) é constituído por um representante das partes em conflito e um funcionário do Ministério do Trabalho, o que coloca os operários em minoria) cuja sentença deve ser acatada pelas partes.

A ação direta se encarrega de solucionar os problemas e impor as decisões operárias, o que demonstra uma atitude completamente oposta à arbitragem obrigatória. Neste último caso as decisões das autoridades são impostas para as massas.

❖ OUTROS MÉTODOS DE LUTA:

O proletariado também adota os métodos de luta das outras classes sociais. Não se limita a apropriar-se destes métodos e sim os modifica profundamente, sobretudo porque os subordina à imobilização e ação das massas e lhes dão uma projeção socialista.

Entre os métodos de luta alheios utilizados pelo proletariado se encontram o parlamentar e o da guerrilha.

Entendemos a guerrilha como a luta armada das massas, não como a luta de uma minoria estranha às maiorias, a isso se chama '*foco armado*' que tanto repudiamos.

